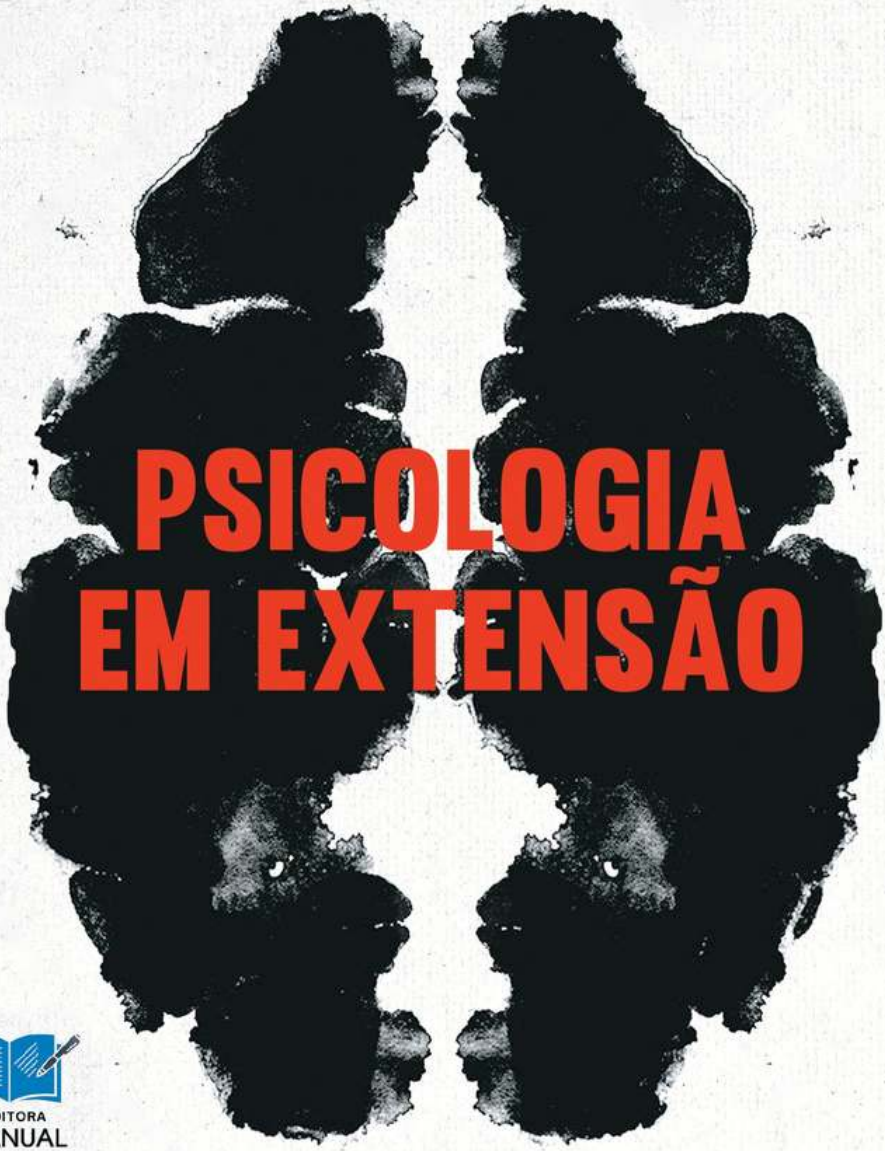
ORGANIZADOR
GABRIEL ARRUDA BURANI

PSICOLOGIA EM EXTENSÃO



EDITORA
MANUAL

PRÁTICAS EXITOSAS DA CURRICULARIZAÇÃO
DA EXTENSÃO EM GRADUAÇÃO DE PSICOLOGIA

GABRIEL ARRUDA BURANI
(ORGANIZADOR)

PSICOLOGIA EM EXTENSÃO
PRÁTICAS EXITOSAS DA CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO EM GRADUAÇÃO DE PSICOLOGIA

1ª Edição

Editora Manual
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Psicologia em extensão [livro eletrônico] : práticas exitosas da curricularização da extensão em graduação de psicologia / organização Gabriel Burani. -- 1. ed. -- Cariacica, ES : Editora Manual, 2024.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-981790-6-9

1. Divulgação científica 2. Extensão universitária 3. Psicologia I. Burani, Gabriel.

24-209530 CDD-150

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia 150

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Obra publicada em maio de 2024.

Copyright © dos autores e autoras. Todos os direitos reservados.

Esta obra é publicada em acesso aberto. O conteúdo dos capítulos, os dados apresentados, bem como a revisão ortográfica e gramatical são de responsabilidade de seus autores, detentores de todos os Direitos Autorais, que permitem o download e o compartilhamento, com a devida atribuição de crédito, mas sem que seja possível alterar a obra, de nenhuma forma, ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial:

Dr. Rafael Durant Pacheco – Faculdad Interamericana de Ciências Sociales
Dr. Josele da Rocha Monteiro - Faculdad Interamericana de Ciências Sociales
Me. Afonso Henrique Souza de Assis – Secretaria da Educação do Estado do Espírito Santo.
Me. Mirabel Silva dos Santos – Universidade Federal do Alagoas
Me. Walmir Fernandes Pereira – MUST University
Me. Sueli Cristiana Merotto – Centro Universitário Vale do Cricaré

Direção Editorial Afonso Henrique Souza de Assis

Diagramação Frederico Godoy

Revisão Cintia Campos

Capa Andrigo Guimarães

Organização Gabriel Arruda Burani

Autores Aline Elena Carneiro do Nascimento
Amanda Aparecida Afonso de Souza Nanini de Oliveira
Amanda Padilha Matsuda
Ana Paula Aparecida Vieira
Anna Júlia I. Amorim
Brenno Thayan S. Rodrigues
Camila Pereira de Barros
Diovana Fonseca
Débora Cristina Aleixo
Francine Kortz Muza Moreira
Jacinta Fátima de Souza
Jeniffer Aparecida de Goes
Josimacia Barbosa de Barros Souza
Julia Garcia de Godoi
Juliana Cristina Pereira Moretti
Kassiane de Freitas Klein
Leonardo Barros Phols
Luene Roberta Vaz de Almeida
Luiz Carlos de Oliveira
Manuela de Paula Monteiro
Najara Agda Gonçalves da Silva Serafim
Naomy Khadija Almeida Gomes
Regiane dos Santos Hammarstrom
Tatiana de Almeida Brochado
Vânia Cristina Leme de Sousa
Yasmim Maria da Silva Carneiro

PRÓLOGO

Este prologo brinda o olhar do professor-orientador em relação a sua prática da atividade da Extensão Curricularizada junto aos alunos, cuja caracterização dos projetos realizados está pautada na teorização, elaboração e aplicação de projetos de cunho social, vinculados ao curso de Psicologia e a comunidade acadêmica e externa.

Atividades extracurriculares de extensão emergem como possibilidades a mais de aplicação prática dos conhecimentos adquiridos durante a graduação. Com o objetivo de proporcionar a experiência necessária, a Resolução do MEC 07/2018, exige a Curricularização da Extensão, contemplando ao menos 10% da carga horária total do curso. Pensando na formação dos alunos de Psicologia e no cumprimento da exigência do MEC, a Universidade do Sudoeste Paulista, campus Itapetininga-SP (UNIFSP), incentiva o desenvolvimento de Projetos de Extensão que vinculam a teoria e a prática em atuação na comunidade.

Estiveram em andamento 16 projetos em diferentes frentes elaborados e executados por 72 alunos do curso de Psicologia da UNIFSP - Itapetininga/SP, organizados em grupos de trabalho orientados e supervisionados por um docente orientador, sendo concluídos em 2023, 8 projetos.

Para que a Curricularização da Extensão alcançasse sucesso, foi necessário estruturar a prática: apropriação teórica, elaboração de projetos, visita ao campo e aplicação de atividades e/ou intervenções psicológicas, análise de resultados e, por fim, produção científica. Todos os projetos têm como campo a comunidade acadêmica ou externa, com populações usuárias: do ensino básico, ensino superior e docentes; de lares de acolhimento; de cooperativas; de usuários e profissionais de Unidades Municipais de Saúde; populações específicas vulneráveis.

A escolha dos temas e o contato com o campo de atuação foi realizado exclusivamente pelos alunos, sob orientação docente. Os alunos foram incentivados a realizar visitas exploratórias como parte do

processo da elaboração dos projetos e algumas temáticas escolhidas pelos grupos envolveram conhecimento multidisciplinar da Psicologia e Saúde. Atualmente estão em andamento 16 projetos em diferentes etapas, o que depende muito mais do envolvimento dos alunos do que das dificuldades encontradas em campo. Mesmo com dificuldades, o avanço tem ocorrido para o desenvolvimento acadêmico dos alunos e com o objetivo de realizar um serviço de Psicologia na comunidade assistida. Os grupos foram orientados semanalmente pelo docente orientador, desde a elaboração do projeto até a execução das intervenções e análise de resultados para produção científica.

A experiência da UNIFSP na Curricularização da Extensão no curso de Graduação em Psicologia, tem registrado sucesso nas etapas realizadas. A possibilidade de os alunos elaborarem projetos e experienciar desde a concepção de ideias, metas e execução de cada etapa, permite um crescimento exponencial do futuro profissional de Psicologia quanto às suas possibilidades pessoais e profissionais ao olhar o outro. Tendo como base a experiência de orientar 72 alunos na elaboração e execução dos 18 projetos, permite também ao docente psicólogo compreender a concepção do ensino-aprendizagem e o possível alcance do ensino da Psicologia.

Este livro, apresenta os resultados de 8 projetos elaborados e executados por alunos de graduação em Psicologia do Centro Universitário do Sudoeste Paulista - Campus Itapetininga, transformados em artigos como registro desta importante etapa de seu crescimento acadêmico.

Profº Dr. Gabriel Arruda Burani

Psicólogo e Docente Universitário

SUMÁRIO

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1 **11**

INTERVENÇÃO BIOPSICOSSOCIAL EM INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA DE IDOSOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA

Aline Elena Carneiro do Nascimento, Francine Kortz Muza Moreira, Jeniffer Aparecida de Goes, Kassiane de Freitas Klein, Manuela de Paula Monteiro, Regiane dos Santos Hammarstrom, Vânia Cristina Leme de Sousa

CAPÍTULO 2 **20**

AS COISAS PRÓPRIAS DO ENVELHECER: PESQUISA QUALITATIVA SOBRE AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO ENVELHECER, DA VELHICE E DO IDOSO.

Amanda Aparecida Afonso de Souza Nanini de Oliveira

CAPÍTULO 3 **55**

UM ESTUDO DE RELAÇÕES DE AFETO E TRABALHO ENTRE IRMÃOS

Ana Paula Aparecida Vieira, Jacinta Fátima de Souza, Josimacia Barbosa de Barros Souza

CAPÍTULO 4 **68**

INTERVENÇÕES EM SAÚDE MENTAL PARA PROFISSIONAIS DA SAÚDE NO CONTEXTO DE PANDEMIA DE COVID -19

Anna Júlia I. Amorim, Brenno Thayan S. Rodrigues, Diovana Fonseca e Débora Cristina Aleixo

CAPÍTULO 5 **79**

DINÂMICAS GRUPAIS VOLTADAS A JOVENS FREQUENTADORES DE UM ABRIGO NO MUNICIPIO DE ITAPETININGA-SP

Camila Pereira de Barros, Leonardo Barros Phols, Tatiana de Almeida Brochado, Yasmim Maria da Silva Carneiro

CAPÍTULO 6 **93**

PESQUISA DE CAMPO SOBRE OS PROJETOS PSICOSSOCIAIS EM UNIDADES DO CRAS DE TRÊS MUNICÍPIOS DO SUDOESTE PAULISTA NOS ANOS DE 2022/2023

Julia Garcia de Godoi, Luene Roberta Vaz de Almeida, Luiz Carlos de Oliveira, Najara Agda Gonçalves da Silva Serafim

CAPÍTULO 7 **105**

VIVARTE: A ARTE DO ENVELHECER

Juliana Cristina Pereira Moretti, Victor José Prestes De Camargo

CAPÍTULO 8 **118**

BULLYING: UM OLHAR MUITO ALÉM DO FENÔMENO

Naomy Khadija Almeida Gomes, Amanda Padilha Matsuda

SOBRE O ORGANIZADOR **136**

CAPÍTULO 1

INTERVENÇÃO BIOPSICOSSOCIAL EM INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA DE IDOSOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA

Aline Elena Carneiro do Nascimento[1], Francine Kortz Muza Moreira[2], Jeniffer Aparecida de Goes[3], Kassiane de Freitas Klein[4], Manuela de Paula Monteiro[5], Regiane dos Santos Hammarstrom[6], Vânia Cristina Leme de Sousa[7]

[1]Autora, UNIFSP Itapetininga, aelenacn@gmail.com

[2]Coautora, UNIFSP Itapetininga, kortzfrancine@gmail.com

[3]Coautora, UNIFSP Itapetininga, jeniffer.apgoes21@gmail.com

[4]Coautora, UNIFSP Itapetininga, kassianefk@gmail.com

[5]Coautora, UNIFSP Itapetininga, manumonteiro896@gmail.com

[6]Coautora, UNIFSP Itapetininga, regiane.piano@gmail.com

[7]Coautora, UNIFSP Itapetininga, vaniaclsousa@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo busca retratar a experiência das autoras, graduandas em Psicologia pelo Centro Universitário Sudoeste Paulista - UNIFSP, entre os anos de 2022 e 2023, quando da realização de um projeto de

intervenção que promoveu atividades musicais e lúdicas voltadas para o desenvolvimento biopsicossocial de idosos acolhidos na instituição de longa permanência para idosos, denominada Abrigo Bom Jesus, na cidade de Guareí/SP, tendo sido supervisionada pelo Professor e Orientador Me. Dr. Gabriel Arruda Burani, na disciplina de Projeto de Extensão.

Palavras-Chave: Desenvolvimento Biopsicossocial; Música; Idosos; Instituição de Longa Permanência para Idosos.

INTRODUÇÃO

O tema do projeto de intervenção foi escolhido em razão da preocupação com a qualidade de vida dos idosos que se encontravam acolhidos em instituições de longa permanência. Considerando que, além das questões naturais da idade, da situação que levou ao deslocamento para uma convivência coletiva fora do ambiente familiar, houve também um quadro acentuado de outras dificuldades generalizadas em razão da pandemia da covid-19, objetivou-se intervir visando proporcionar melhorias no desenvolvimento biopsicossocial dos idosos acolhidos, por meio de atividades lúdicas, musicais, dentre outros, como forma de contribuir também para amenizar as angústias da população idosa institucionalizada.

O neurocientista Daniel Levitin (2010) afirma que a neurologia tem explorado a utilização da música na área da reabilitação, devido ao fato de o cérebro apresentar neuroplasticidade, sendo capaz de substituir regiões responsáveis por determinadas funções em outras áreas com funções distintas, quando estas são lesadas.

A musicoterapia promove as funções físicas e psíquicas, conduzindo a um maior relaxamento e, consequentemente, à sensação de bem-estar. A música potencializa a autonomia do ouvinte, pode contribuir para um menor isolamento social e afetivo e, consequentemente, para melhorar a autoestima (Padilha, 2008). Através do uso da música, o sujeito consegue resgatar a sua identidade tanto pessoal como social (Nunes, 2011).

MATERIAL E MÉTODOS

No primeiro semestre de 2022 foram realizadas pesquisas bibliográficas, diversos fichamentos de artigos científicos correlatos e intensa pesquisa e leitura de materiais que pudessem consolidar a base teórica do projeto de intervenção, com debates entre as alunas e com auxílio do orientador a fim de estruturação do projeto inicial.

Uma vez elaborado o projeto, a partir do segundo semestre de 2022 foram realizadas visitas a campo e entrevistas iniciais que culminaram na escolha do local de intervenção: o Abrigo Bom Jesus, na cidade de Guareí, interior do Estado de São Paulo.

Já no primeiro semestre de 2023, com autorização da Presidente da instituição escolhida, bem como com sua participação, além do auxílio de toda sua equipe, foram realizadas entrevistas iniciais com os idosos acolhidos, sintetizadas em relatórios e, a partir de então, foram constatadas algumas dificuldades na população abrigada, sejam de locomoção, de fala, de escuta ou mesmo de movimentos. A estrutura inicialmente pensada, então, teve de ser modificada para atividades mais abertas e acolhedoras, buscando amenizar o sentimento de solidão e angústia em razão das poucas visitas recebidas no local.

Assim, foram promovidas atividades como tarde musical com dupla sertaneja convidada, tarde musical com apresentação em teclado de uma das integrantes do grupo e atividades lúdicas de recorte, colagem e desenho livre, participação nas festividades do Abrigo, divulgação de suas campanhas, auxílio e acompanhamento dos idosos, dentre outros.

Empreendidas, em todas as atividades, técnicas de observação e registro de comportamentos, mediante relatórios e posterior análise e sintetização de dados.

Com o material produzido foi criado um álbum de recordações e as fotos e filmagens foram salvas em pendrive entregues como lembrança à instituição e aos idosos participantes da intervenção.

O projeto foi finalizado no segundo semestre de 2023, com a entrega do relatório final.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Importante salientar que o número de idosos acolhidos na época de realização do projeto de intervenção era dezoito, sendo que onze deles foram entrevistados inicialmente. Dentre eles, quatro eram do sexo feminino e os demais, do sexo masculino. Tinham idades entre 58 e 96 anos.

Considerando que as atividades realizadas foram menos estruturadas do que inicialmente pensado pelo grupo, a participação foi livre, atingindo assim grande parte dos acolhidos.

Da prática das intervenções destaca-se que nas entrevistas iniciais foi constatado que muitos dos idosos acolhidos possuíam certas limitações motoras, dificuldades de fala e de escuta e mesmo em termos cognitivos, assim, os questionários previamente elaborados foram preenchidos na medida das possibilidades dos idosos, ensejando, já num primeiro momento, a necessidade de se repensar algumas atividades que exigiriam maior interação nas atividades musicais.

Compilados os dados das entrevistas, surgiu a oportunidade de participação na festa de aniversário de dois dos acolhidos e, assim, pensando no estilo musical preferido pela maioria conforme respostas ao questionário inicial, foi feito convite aos integrantes do Clube da Viola de Itapetininga/SP para que estivessem presentes no local e pudessem realizar uma apresentação aos acolhidos. Foi um encontro marcante, pois a alegria e a satisfação dos idosos pôde ser observada

por todos que estavam presentes, inclusive um deles se engajou a cantar com os violeiros, outros dançaram, foi bastante interessante observar a melhoria no estado de ânimo dos acolhidos e também da equipe de colaboradores do Abrigo, além de sua presidente.

Importante destacar que o encontro com os violeiros também foi fotografado e filmado e algumas das fotos foram reveladas para atividades lúdicas que foram realizadas nos próximos encontros.

Num dos encontros uma das integrantes do grupo e aluna de Psicologia e que também é musicista fez uma apresentação junto aos acolhidos do Abrigo Bom Jesus de Guareí/SP, tocando em seu teclado músicas de suas preferências. Nesse encontro também foram levadas cartolinas, revistas, canetas, cola e as fotos reveladas do encontro anterior, com a intenção de se criar registros desses momentos pelos próprios acolhidos, assim, com auxílio das integrantes do grupo e na medida de suas possibilidades, muitos deles deixaram registrados tais momentos em desenhos, recortes, colagem e todo material foi guardado pelas alunas. Novamente foi emocionante poder presenciar o envolvimento dos acolhidos, sua participação e a demonstração de satisfação com as atividades desenvolvidas.

Recebido o convite para participar das festividades de aniversário do Abrigo Bom Jesus de Guareí/SP foi acompanhada a apresentação da Banda Municipal de Guareí e a realização de uma missa no abrigo, festividades essas que contaram com a participação da população em geral, familiares e amigos dos acolhidos.

Durante o período de recesso universitário entre o primeiro e segundo semestres de 2023, as alunas reuniram-se para elaborar um álbum de recordações a ser presenteado ao Abrigo Bom Jesus de Guareí/SP, com os registros dos encontros realizados, além da seleção de vídeos e demais imagens a serem salvas em pendrive para que os acolhidos possam, sempre que quiserem, recorrer a esses recursos para relembrarem suas vivências musicais e lúdicas estimuladas durante as intervenções.

Assim, com um novo convite para a Festa da Primavera promovida pela instituição, foi finalizado o álbum de recordações e a gravação dos arquivos em pendrive e realizado o encerramento do projeto, onde também houve apresentação da Banda Municipal de Guareí, da integrante do grupo que também é musicista, além da presença de familiares, amigos e população em geral que prestigiaram os idosos com sua participação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do projeto de intervenção contribuiu para entender a experiência de levar músicas e outras atividades a pessoas institucionalizadas, fora de um convívio social, e através das atividades sugeridas foi possível notar que eles conseguiram vivenciar momentos de alegria, ou reviver alguns momentos embalados pela presença e atenção recebidos.

A música é um meio de comunicação profunda que pode causar frustração pelas dificuldades que apresentam no processo ou, até mesmo, sentimento de felicidade, gratidão e afetividade, pois nela se reconhece o encontro com memórias afetivas, além de exaltar o amor à vida.

As reminiscências puderam ser percebidas desde a organização das atividades musicais até a seleção dos trabalhos manuais, inclusive nos questionários iniciais, onde os próprios institucionalizados responderam que evocar experiências de músicas era importante para eles, conforme alguns relatos de vida apresentados.

Juntamente com as atividades musicais, as atividades manuais também foram pensadas para envolver a todos.

Além da música, a interação com os acolhidos levou a uma mudança, pois o abrigo não recebia muitas visitas, fazendo com que eles se sentissem esquecidos, e essa interação proporcionou um pouco mais de visibilidade ao local e de melhoria no estado de ânimo dos acolhidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARO, C. A., ANICA, A. (2020). **Memórias Musicais em Pessoas Idosas**. Estudo de Caso. Envelhecimento Ativo e Educação II. Faro: Universidade do Algarve, 151-159. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.1/14853> Acesso em 02 de set. 2022.

CORRÊA, Larissa et. al. **Efeitos da música nas expressões corporais e faciais e nos sintomas psicológicos e comportamentais de idosos**. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional [online]. 2020, v. 28, n. 2, pp. 539-553. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1889> Acesso em 05 de set. 2022.

NASCIMENTO, Camila Maria Mendes et. al. **Efeito imediato da estimulação auditiva rítmica nos parâmetros espaços-temporais da marcha de idosos sedentários: um estudo piloto**. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia [online]. 2020, v. 23, n. 3. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-22562020023.200121> Acesso em 05 de set. 2022.

RODRIGUES, R. F. (2008). **Os ritmos da memória**: a lembrança e a reminiscência na escuta musical online. Sociedade e Cultura. 11(2), 199 a 204. DOI: 10.5216/sec.v11i2.5257.

Tapscott, D., & Tapscott, A. (2016). Blockchain revolution: como a tecnologia por trás do Bitcoin está mudando o dinheiro, os negócios e o mundo. SENAI-SP Editora.

CAPÍTULO 2

AS COISAS PRÓPRIAS DO ENVELHECER: PESQUISA QUALITATIVA SOBRE AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO ENVELHECER, DA VELHICE E DO IDOSO.

Amanda Aparecida Afonso de Souza Nanini de Oliveira[1]

RESUMO

Este projeto surge a partir da necessidade de investigar as representações sociais acerca da velhice, do envelhecimento e do ser idoso na atualidade. Para atingir o objetivo, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa estruturada no formato de Entrevista, realizada com indivíduos adultos em amostra randomizada. O objetivo foi compreender a apreensão do envelhecimento e da velhice na visão de jovens adultos. Essa análise se propôs a explorar as possíveis interpretações e representações dessa fase da vida que, para além dos impactos e vicissitudes relacionadas à saúde, permeia o âmbito sócio-histórico e cultural. Como resultado, obteve-se uma valorização dos atributos relacionados à aquisição de experiências, vivências, amadurecimento e, consequentemente, construção de conhecimento, atribuídos à velhice, ao tornar-se idoso.

1 Graduanda em Psicologia pela UniFSP. E-mail: amandanannini7@gmail.com

Palavras-chave: Psicologia. Envelhecimento. Idoso. Representações Sociais.

ABSTRACT

This project arises from the need to investigate social representations of old age, aging, and being elderly in contemporary society. To achieve this objective, a qualitative research structured in an interview format was developed and conducted with randomly sampled adult individuals. The aim was to comprehend young adults' apprehension of aging and old age. This analysis sought to explore possible interpretations and representations of this life stage, which, beyond the impacts and vicissitudes related to health, permeates the socio-historical and cultural sphere. As a result, there was an appreciation for attributes related to the acquisition of experiences, life events, maturity, and, consequently, the construction of knowledge attributed to old age upon becoming elderly.

Keywords: Psychology. Aging. Ederly. Social Representation.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento e a morte, de acordo com Santos; Faria; Patiño, 2018, são processos que não se restringem a uma dimensão biológica, envolvendo dimensões socioculturais que condicionam a experiência dos sujeitos. A dimensão psicossocial do envelhecimento implica no reconhecimento das nuances socioculturais que condicionam a experiência subjetiva e a nossa relação com a própria morte, sendo a finitude, de alguma forma, objeto de representações em toda sociedade humana – quando cultura e sistemas biológicos andam juntos –; não obstante, as sociedades possuem formas diferentes de

compreender e tratar os seus idosos, apreendidas socialmente, praticadas no interior de seus grupos de referência com atitudes de respeito, medo, reverência, descaso, vergonha, violência, portanto, as imagens e as percepções sobre o envelhecimento são formadas e se manifestam de formas diferenciadas em diferentes sociedades ao longo do tempo.

Zimerman (2000), em sua obra voltada para descrição da velhice e suas vicissitudes, traz a reflexão de que, à medida que os anos vão passando, é cada vez maior o número de *idosos,* e relaciona o fenômeno do envelhecimento a vários fatores, como redução da natalidade; redução da morbidez e da mortalidade – consequentemente, com o aumento da expectativa de vida. A partir de duas perguntas a dois grupos de pessoas (a primeira questionava sobre as características que definem uma pessoa velha; a segunda, que parecia ser embasada a partir das respostas atribuídas à primeira, indagava se nenhum dos participantes conhecia jovens chatos, tristes, deprimidos, cansados, doentes ou solitários) evidenciou que a maior parte das características do velho não são peculiaridades de uma faixa etária. Uma pessoa não passa a ter determinada personalidade porque envelheceu, ela simplesmente mantém ou acentua características que já possuía antes. A autora, então, faz a sua descrição do idoso, tratado, até então, pela categoria *velho.*

> Velho é aquele que tem diversas idades: a idade de seu corpo, da sua história genética, da sua parte psicológica, da sua parte psicológica e da sua ligação com sua sociedade. O velho é um *mais:* tem mais experiência, mais vivência, mais anos de vida, mais doenças crônicas,

> mais perdas, sofre mais preconceitos e tem mais tempo disponível (Zimerman, 2000, p.19-20).

Ainda segundo a autora, envelhecer pressupõe alterações físicas, psicológicas e sociais no indivíduo. Tais alterações são naturais e gradativas, vivenciadas com nuances de intensidade – maior ou menor grau-, em idades mais precoces e/ou mais avançadas, de acordo com as características genéticas de cada indivíduo e principalmente os fatores ambientais, o modo de vida de cada um. Embora o envelhecimento seja acompanhado de uma série de adversidades, a pior delas é o despojamento social. Ser idoso, na nossa sociedade, é sobreviver sem projeto e se submeter às burocracias das instituições. É preciso que o indivíduo tenha projetos que não envelheçam, é preciso sedimentar uma cultura positiva da velhice "com interesses, trabalhos, responsabilidades que tornem sua sobrevivência digna" (Zimerman, 2000, p. 21; Bosi, 1994, p. 81 *apud* Silva; Günther, 2000, p. 32).

A história das representações sociais (RS) insere-se na interrelação entre atores sociais, o fenômeno e o contexto que os rodeia. Dessa forma, Araújo, Coutinho e Carvalho (2005, p. 121) versam que as representações sociais são constituídas por processos sociocognitivos nas interações sociais, o que significa dizer que elas têm implicações na vida cotidiana e que a comunicação e os comportamentos adotados por um grupo de indivíduos acerca de um objeto, neste estudo (representações sociais da velhice), são resultantes do modo como os atores sociais representam socialmente esse objeto e do significado que este adquire em suas vidas. As representações sociais

são produto das interações, das comunicações no bojo dos grupos sociais, refletindo a situação dos indivíduos no que diz respeito aos assuntos que são objeto do seu cotidiano (Birman, 2015; Freitas; Scheicher, 2010; Veloz et al., 1999; Zimerman, 2000).

O processo de construção de representações sociais da velhice processa-se nas trocas de conhecimentos populares e científicos, através de experiências grupais e sociais que se repetem ao longo da vivência dos indivíduos. Pesquisar as RS da velhice implica fazer uma leitura não só dos aportes teóricos normativos e científicos, mas também do conhecimento cotidiano (senso comum) elaborado e compartilhado pelo grupo de pertença. Autores como Araújo, Coutinho e Carvalho (2005, p. 122-123) acreditam que o estudo das representações sociais da velhice poderá contribuir para sua compreensão e de suas vicissitudes, seus significados, com os quais os indivíduos estabelecem relações com uma velhice bem-sucedida.

O *ser idoso* no século XXI tem a possibilidade de ser visto de forma diversificada devido à pluralidade das possibilidades do *ser singular*, mas, na prática, há poucos estudos evidenciando as diferenças e semelhanças do que ocorria quando Zimerman (2000) se propôs a estudar e elucidar esse mesmo fenômeno, e chamou de "A violência contra o Velho", item nono (9) da parte I de sua obra "Velhice – Aspectos Biopsicossociais" as várias formas de discriminação e ideias pré-concebidas, oriundas da massificação; e também nos estudos de Veloz *et al*. (1999), que trouxe, também, a análise de materiais verbais obtidos por entrevistas individuais acerca das representações sociais deste mesmo processo. Na construção do saber acerca do

envelhecimento, ao perceber que os materiais disponíveis datam mais de uma década de sua realização, aguçou-se a curiosidade – atrelada à necessidade de coleta de dados- que surgiu com a leitura do compilado de informações acerca do envelhecimento, reunidas por Zimerman (2000), fomentando o desejo de verificar como a população idosa é compreendida por jovens adultos na atualidade.

O projeto de extensão "**As coisas próprias do envelhecer:** Pesquisa qualitativa sobre as representações sociais do envelhecer, da velhice e do idoso" se propôs a investigar a compreensão social sobre o envelhecimento, e ainda, obter a percepção dos indivíduos acerca de quem é o idoso, o que é o envelhecer, ou seja, as representações sociais, os estereótipos que emergem da noção de envelhecimento e da velhice por meio de uma pesquisa de levantamento qualitativa, realizada através de entrevista estruturada com participantes adultos, de ambos os sexos. A aleatorização, ao introduzir um elemento de acaso na alocação dos participantes, reduziu a possibilidade de viés de seleção. Quatro perguntas subjetivas nortearam a entrevista, a saber:

1. Ao seu entendimento, para você, o que é *Envelhecer?*
2. Descreva uma pessoa *Idosa.*
3. Em seu entendimento, que representa a V*elhice*?
4. Pensando no seu envelhecimento, se pudesse escolher algo da velhice para ter agora, e algo da juventude para ter na velhice, o que escolheria?

A aplicação foi feita individualmente, gravada com prévia autorização do participante para ser transcrita, posteriormente,

preservando a qualidade das respostas obtidas e o anonimato dos entrevistados.

METODOLOGIA

De acordo com Sousa e Santos (2020, p. 1398), a pesquisa qualitativa preocupa-se com fatos da sociedade que estão centrados na intepretação e explicação da dinâmica das relações sociais, e a partir de Minayo (2014), tem-se a compreensão de que a pesquisa qualitativa remete ao universo de significados, motivos, aspirações, motivações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A pesquisa qualitativa foi conduzida por meio de entrevista estruturada, com uma amostra representativa de adultos entre 18 a 50 anos, de ambos os sexos. As perguntas possibilitaram captar as percepções sobre o envelhecimento, as relações intergeracionais, as experiências pessoais com idosos e as influências culturais na construção das representações sociais. Ao introduzir um elemento de acaso na alocação dos participantes, analisar resultados provenientes de amostras randomizadas promove a redução da possibilidade de viés de seleção e garante que as diferenças observadas entre os grupos possam ser atribuídas ao tratamento experimental em vez de características pré-existentes dos participantes (Kara-Júnior, 2014).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa (detalhados em "Anexo 1") revelaram uma variedade de representações sociais da velhice entre os jovens adultos participantes. Se tratando de uma análise qualitativa, cujas respostas foram pessoais e subjetivas, os resultados não foram homogêneos; no entanto, trouxeram o reconhecimento da necessidade de valorização do idoso como alguém dotado de conhecimento, experiência de vida, com barreiras tanto físicas quanto sociais. 40,74% dos participantes relacionaram velhice, ser idoso e envelhecer com passagem de tempo. A categoria "tempo" apareceu como resultado 23 vezes. Um participante associou "Envelhecer" a *morrer aos poucos;* 70% dos participantes associaram a velhice com adquirir "experiência"; compreendem o *ser idoso* como ser experiente, ter experiência, e a categoria apareceu como resultado 42 vezes. A atribuição da velhice enquanto condição que propicia a *evolução* - cerca de 43,3% dos participantes compreendem como um momento de amadurecimento- contrastou com a ideia de velhice marcada/representada por alguém que que só consegue viver com ajuda de outra pessoa, evidenciando a heterogeneidade na concepção acerca da categoria *Velhice*. 6,66% (apenas 2 participantes) relacionaram o idoso e a velhice a rugas e mau humor.

Os participantes relacionaram *velhice*, *ser idoso* e *envelhecer* com passagem de tempo; com adquirir experiências, tornar-se sábio. Houveram constatações de debilidades, perdas de funções executivas e limitações físicas. Houve, ainda, quem relacionou velhice a um estado

de espírito; a um conjunto de vivências; a um estado mental limitador de novas experiências (distinguindo velhice de idade avançada). Alguns dos participantes ficaram emocionados ao descrever uma pessoa idosa, resgatando características de familiares idosos para responder à segunda pergunta da entrevista. A sabedoria e o conhecimento, vistos como atributo da velhice, frutos do amadurecimento, apareceram como elementos mais valorizados para se ter na juventude, enquanto o vigor, a saúde, energia e disposição como elementos da juventude para se ter na velhice.

Observou-se que, em alguns casos, a visão acerca da velhice associada a estereótipos negativos, como fragilidade, dependência, limitações, isolamento. Contudo, também foram identificadas representações mais positivas, relacionadas à sabedoria, experiência e contribuição ativa dos idosos para a sociedade a atualidade, bem como na possibilidade de autonomia, fundamentada na prática de hábitos saudáveis, visando a longevidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto de extensão contribuiu significativamente para a compreensão das representações sociais da velhice e do envelhecimento entre jovens adultos. Os resultados (detalhados em "Anexo 1") indicam a importância de abordagens multidisciplinares e estratégias de sensibilização para promoção de uma visão mais equilibrada e respeitosa acerca da velhice na sociedade. No processo de envelhecimento, estão envolvidas, portanto, dimensões psicológicas,

influenciadas por fatores que contribuem para a percepção de aspectos subjetivos, que determinam o enfrentamento e a qualidade de vida do idoso. Acessar as representações sociais acerca do idoso, da velhice, do envelhecer, bem como compreender as características que são valorizadas a partir da velhice, bem como a compreensão do ser idoso enquanto ser biopsicossocial pode orientar políticas públicas, práticas educacionais e ações sociais voltadas para a promoção do envelhecimento saudável e da inclusão dos idosos em diversos contextos sociais (Silva; Günther, 2000; Zimerman, 2000; Araújo; Coutinho; Carvalho, 2005; Morais, 2009; Birman, 2015).

O que se pretendia era verificar a existência de estigmas, de estereótipos negativos, apenas; no entanto, os resultados mostraram que a maioria das pessoas entrevistadas valoriza as categorias atribuídas à velhice, ao ser idoso, para além de suas limitações físicas e debilidades de saúde. Vale alvitrar, acerca dos resultados, que durante as entrevistas, bem como *a posteriori*, durante a análise, a influência de fatores culturais, familiares e midiáticos na construção dessas representações emergiram e sinalizaram a importância do afeto como elemento norteador da formação das representações, em que a interação pessoal com idosos (participantes que rememoraram de momentos, vivências, experiências com seus pais e avós, por exemplo) como um elemento crucial na formação de atitudes mais positivas em relação à velhice.

Pretende-se dar continuidade nos estudos acerca das representações sociais do envelhecer, da velhice e do idoso, analisando amostras de diversos grupos sociais, expandindo resultados,

comparando as diferenças e/ou semelhanças com o presente resultado, bem como com os estudos de outros pesquisadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, L. F. de; COUTINHO, M. da P. de L.; CARVALHO, V. Â. M. de L.. Representações sociais da velhice entre idosos que participam de grupos de convivência. **Psicologia ciência e profissão**, Paraíba, v. 25, n. 1., p. 118-131. 2005.

BIRMAN, J. Terceira idade, subjetivação e biopolítica. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 22, n. 4, p. 1267-1282. 2015. http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59702015000400007.

FREITAS, M. A. V. de; SCHEICHER, M. E.. Qualidade de vida de idosos institucionalizados. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 13, n. 3, p. 395-401. 2010. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/s1809-98232010000300006.

KARA-JUNIOR, N.. Definition of population and randomization of sample in clinic surveys. **Revista Brasileira de Oftalmologia**, [S.L.], v. 73, n. 2, p. 67-68, 2014. Revista Brasileira de Oftalmologia. http://dx.doi.org/10.5935/0034-7280.20140015

MINAYO, M. C. de S. (Org.). O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14ª ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014. 408 p.

MORAIS, O. N. P.. Grupos de Idosos: Atuação da Psicogerontologia no Enfoque Preventivo. **Psicologia ciência e profissão**, Pará, v. 29, n. 4, p. 846-855. 2009.

SANTOS, L. A. de C.; FARIA, L.; PATIÑO, R. A.. O envelhecer e a morte: leituras contemporâneas de psicologia social. **R. bras. Est. Pop**., Belo Horizonte, v. 35, n. 2, p. 1-15, 2018. http://dx.doi.org/10.20947/S0102-3098a0040

SOUSA, J. R. de; SANTOS, S. C. M. dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa. **Revista Pesquisa e Debate em Educação**, v. 10, n. 2, p. 1396-1416. 2020. http://dx.doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559.

VELOZ, M. C. T.; SCHULZE, C. M. N.; CAMARGO, B. V.. Representações sociais do envelhecimento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Santa Catarina, v. 12, n. 2, p. 1999. https://doi.org/10.1590/S0102-79721999000200015

ZIMERMAN, G. I.. Velhice: Aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: Artmed. 2000. 229 p.

ANEXO 1 - TRANSCRIÇÃO – QUESTIONÁRIO

SUMÁRIO

Participante I – D.M. 34
Participante II – K. 35
Participante III – J. V. 35
Participante IV – F. M. 36
Participante V – C. G. 36
Participante VI – A. C. 37
Participante VII – B. C. 38
Participante VIII – P. 38
Participante IX – G. 39
Participante X – L. C. 39
Participante XI – F. T. 39
Participante XII – W. 40
Participante XIII – J. O. 40
Participante XIV – F. 41
Participante XV – L. S. 41
Participante XVI – J.B. 42
Participante XVII – R. 42
Participante XVIII – D. A. 44
Participante XIX – G. S.S.S. 45
Participante XX – K.S. 46
Participante XXI – A. J. E. 47
Participante XXII – V.A.N.O. 49
Participante XXIII – D.A.S.L. 50
Participante XXIV – F.Q.V. 50
Participante XXV – L.M.L.S. 50

Participante XXVI – G.H. 51
Participante XXVII – A.J.G.S. 51
Participante XXVIII - J. 52
Participante XXIX - L. D. R. 52
Participante XXX - M.R. 53

QUESTÕES

1. Ao seu entendimento, para você, o que é *Envelhecer?*
2. Descreva uma pessoa *Idosa.*
3. Em seu entendimento, que representa a velhice?
4. Pensando no seu envelhecimento, se pudesse escolher algo da velhice para ter agora, e algo da juventude para ter na velhice, o que escolheria?

Participante I – D.M.

1. Morrer aos poucos.
2. Uma pessoa idosa. Cara... que difícil. O que define a pessoa idosa é a idade, não fisicamente, a aparência, é a idade.
3. Experiência.
4. Experiência, também, da velhice, e a energia da juventude para quando ficar mais velho.

Participante II – K.

1. É aprender com a vida.
2. Uma pessoa idosa é uma pessoa que já vivenciou muita coisa, que é um exemplo, sabe?! Pessoa madura, uma pessoa resolvida, que já vivenciou muita coisa, então é uma pessoa que está lá e pode ajudar você, com muita experiência a contar.
3. A velhice é um conjunto, né. A palavra que resume tudo é a vivência. É um conjunto de vivência, de maturidade, de tudo.
4. Queria ter a cabeça que eu teria na velhice agora na juventude; da juventude para a velhice, a disposição.

Participante III – J. V.

1. Envelhecer é questão de tempo. Passam-se os anos, passa a sua vida, passam as conquistas... Isso é envelhecer para mim.
2. Pessoa idosa é aquela que já viveu, conquistou muita coisa, já passou muito tempo e nesse tempo conheceu várias pessoas.
3. A velhice na verdade é um estado de espírito. Se você se sente velho, você será velho; agora, se você é uma pessoa de mais idade e se sente novo, você vai ser novo também. Tudo vai de você, entendeu? Não existe isso de, tipo assim, *ai, eu sou velho*, você quer ser velho, né?!
4. Da velhice para ter na juventude, a experiência e da juventude para ter na velhice o tempo, né?! O tempo e a energia.

Participante IV – F. M.

1. Envelhecer é você começar a perder funções e capacidades de exercer coisas que você faria ou fez há tempo atras; deixar de cumprir alguma função diária; não funcionar sua cabeça como antes, perder a memória, essas coisas.
2. Posso descrever a minha avó? É o tempo que ela passou e como ela se comporta com as pessoas. O carinho que ela tem com todo mundo, como se ela tivesse, a cada dia, se despedindo de todo mundo. Que ela já não tem mais o mesmo tempo, então parece que ela é fofa e carinhosa com todo mundo; fala o que pensa (às vezes solta um palavrão, coisa que nunca fez na vida dela...).
3. Eu acho que pode ser o início ou fim de alguma etapa; tanto o início aí de uma experiência com menos, sei lá, mas pode ser o fim também, chegou-morreu.
4. Com certeza a sabedoria do envelhecer e a disposição da juventude.

Participante V – C. G.

1. No meu entendimento, hoje, vendo a visão de mundo, é muito difícil. (emocionada, olhos lacrimejantes). Envelhecer machuca, envelhecer cria muitos tabus e preconceitos.
2. Uma pessoa idosa, hoje, no Brasil, a gente vê como debilidade, portadora de várias necessidades especiais, como amor (choro, novamente), carinho, afetividade e, principalmente, na parte motora/física, estamos muito carentes de atividade para idosos,

voltados para essa faixa etária acima de sessenta. Ai, eu me emociono ao falar de idoso.

3. Isso é complexo. Falando de forma envelhecendo, porque, apesar de ter 43 anos, o corpo sente. Envelhecer é uma coisa que, de fora pra dentro, a gente perde muita vontade de fazer as coisas, porque a gente não tem estímulo de fora pra dentro. Se já não tem de dentro para fora, se não tem também de fora para dentro é muito difícil.
4. Queria a sabedoria da velhice e queria o meu corpo de vinte anos lá na frente (risos).

Participante VI – A. C.

1. Envelhecimento é a melhor parte da vida, onde você já viveu tudo que teria que viver e agora está vivendo a melhor fase (*por causa da minha avó, né*) então acho que a melhor fase da vida é o envelhecimento, onde você passa a mocidade, tem os filhos ou não; casa; estuda; e agora você tá naquela fase, só olhando tudo o que você construiu, o que você gerou, aproveitando os frutos.
2. Uma pessoa idosa eu vou colocar a minha avó, que é uma pessoa super lúcida aos com 75 anos, eu lembro dela com 40, quando ela começou a me criar; batalhou, estudou, trabalhou para criar *nós,* e agora com 75 anos ela tá na melhor fase da vida dela, que ela vai para a igreja, anda, vai para onde ela quer, tem o dinheiro dela, colheu todos os frutos de antepassados dela, né.

3. Pra mim é a paz, você não acha? Porque você olha para uma pessoa idosa, você vê ela tranquila, já viveu tudo o que tinha pra viver, agora só tá curtindo a vida, então acho que é uma paz, né? Ela já não se cobra mais, igual a gente que tem trinta anos. Eu me cobro, porque eu tenho que trabalhar, tenho que estudar, tenho que criar filho, eles não, eles já passaram por essa fase; então tem aquela tranquilidade, aquela paz, né?
4. Eu queria ter essa tranquilidade, já ter feito tudo e agora só colher os frutos; e se fosse ao contrário, ter algo da juventude na velhice, a lucidez, aquela proatividade, aquela força, porque aí a gente já está debilitado. É força.

Participante VII – B. C.

1. O envelhecer é um processo natural da vida.
2. Uma pessoa idosa é uma pessoa com muitas histórias e experiências de vida.
3. A aparência.
4. Na velhice – Saúde; na juventude – Maturidade.

Participante VIII – P.

5. O envelhecer é um processo natural da vida.
6. Uma pessoa com muitas histórias e experiências de vida.
7. A aparência.
8. Na velhice – Saúde; na juventude – Maturidade.

Participante IX – G.

9. O envelhecer é a pessoa ter mais experiência, mais histórias para contar.
10. Uma pessoa com limitações.
11. Não faço ideia. Rugas e mau humor.
12. Da juventude para ter na velhice, saúde. Da velhice para ter na juventude, maturidade a mais, um jeito de ver o mundo diferente, acho que isso é mais interessante.

Participante X – L. C.

1. Envelhecer é tentar adquirir experiências.
2. A primeira coisa que vem em mente é que é um senhor ou uma senhora, de idade, não tem nada a ver com vigor físico, entra muito mais sobre ver a pessoa debilitada (a condição de ser idoso). A gente liga o idoso com o estar debilitado.
3. A velhice, pra mim, sabedoria.
4. Da juventude para ter na velhice, o vigor; e a experiência para ter na juventude.

Participante XI – F. T.

1. Processo natural da vida.
2. Depende do idoso. Idoso debilitado, idoso vigoroso. Vai do estilo de vida que ele levou, né?!
3. Maturidade, conhecimento, se bem que alguns não têm, né?!
4. Vigor na velhice e conhecimento na juventude.

Participante XII – W.

1. É ficar mais velho. Isso.
2. Uma pessoa que joga bingo, dominó, assiste novela, *acho que só*.
3. Dores no corpo.
4. Disposição para ter na velhice, e da velhice para ter agora é a paz, que velho geralmente fica em paz, fica na casa, pelo menos a maioria dos senhores que eu conheço.

Participante XIII – J. O.

1. No meu entendimento, envelhecer é um processo que todos irão passar algum dia, fases da vida que você vai desbloqueando ao longo do tempo, sendo boas ou ruins dependendo de como você viveu ou vive a sua vida.
2. Uma pessoa muito sábia, às vezes muito teimosa dependendo da situação, mas sempre com razão e com os melhores conselhos.
3. Velhice é o último ciclo da vida, como se estivesse perto da linha de chegada da incrível ou difícil corrida que foi a vida.
4. Algo da juventude para ter na velhice eu escolheria a saúde da juventude; algo da velhice para ter na juventude eu escolheria a sabedoria da velhice.

Participante XIV – F.

1. Envelhecimento é uma das fases da vida humana, aonde nosso corpo vai perdendo funções.
2. Uma pessoa idosa começa com a perda de funções, aquilo que antes tinha facilidade em realizar passa a ter mais dificuldades tanto motoras quanto ao organismo, renovação de células.
3. Embora a velhice traga a perca de funções, também vem acompanhada de uma vida vivida cheia de experiências e sabedoria.
4. Algo da velhice seria a sabedoria e conhecimento das pessoas mais velhas que poderia nos ajudar agora em situações que não temos discernimento para compreender; E uma coisa da juventude, a energia e disposição que não sei se terei na velhice.

Participante XV – L. S.

1. Envelhecer, pra mim, é adquirir experiência com a vida, com as pessoas, com a sociedade, e aplicar isso no seu dia a dia, em seu cotidiano.
2. Uma pessoa idosa é aquela que adquiriu as experiências com a vida e chegou ao final da vida, ou à velhice, com uma experiência grande.
3. A velhice representa uma pessoa que conquistou a vida, conseguiu ter êxito ao chegar numa idade avançada e está feliz com isso.
4. Da velhice para ter agora é o tempo, e da juventude, a juventude.

Participante XVI – J.B.

1. Depende. Tem mental, envelhecimento do corpo, tem envelhecimento por desgaste, tem vários tipos de envelhecimento. Depende, porque envelhecer pode ser uma coisa ou ruim; para a mente, por exemplo, envelhecimento pode ser sabedoria, do mesmo jeito que, para um corpo, pode ser desgaste.
2. Uma pessoa idosa, talvez dificuldade para andar – que é uma coisa que se vê nitidamente-; tem idosos que conseguem chegar na terceira idade com uma saúde inexplicável, mas tem aqueles que andam com andador ou até mesmo com outras pessoas ajudando, tanto familiares quanto enfermeiros.
3. Pra mim, o tempo.
4. Da velhice, o conhecimento; e da juventude na velhice, o tempo.

Participante XVII – R.

1. É acumular experiências, tanto em vivência como de informação também.
2. É aquela que tem dificuldade de criar novas experiências e agregar novas informações, novos conhecimentos, tanto de forma mental como física, então ela não consegue progredir mais nessas novas experiências.
3. A velhice, que eu acho que é diferente de idade avançada, eu acho que é um estado que sua mente cria que impede você de ter essas novas experiências, de acumular novos conhecimentos, de captar novas vivências. Então ela te impede. Quando a pessoa

está velha ela, não só pela questão, claro, com o passar da idade, pela questão física você deixa de conquistar novos lugares ou, de repente, não tem um reflexo tão rápido, mas o principal e impactante é você não conseguir acumular essas experiências. E nesse sentido, uma pessoa jovem, nova em idade, pode ser velha, porque ela pode estar num estágio da vida dela em que ela não consegue captar essas novas experiências.

4. Da juventude, o que eu quero ter para sempre, e que eu percebo que está diminuindo, seria a parte de não ter medo. Conforme fui envelhecendo, eu fui tendo mais medo de fazer as coisas, tanto na parte física (saltar, por exemplo), ou de conversar às vezes, porque você cria formas de bloqueio. Conforme suas experiências anteriores, como se fossem *mini* situações ruins, isso vai te bloqueando. Então, ter essa capacidade de não ter medo, essa coragem de fazer as coisas, sem precisar puxar o freio, não ser tão inibido por conta de experiências anteriores que vai acumulando. Agora, para ter na juventude? Ah, sim, uma maior empatia. Por incrível que pareça, quando eu era *menor*, eu não me colocava na pele do outro, então muitas coisas que eu fazia, que, ao meu ver hoje em dia, magoou pessoas lá atrás. Então a empatia, conforme a gente vai avançando, eu consegui ter mais empatia, me colocar mais no lugar das outras pessoas. Então, se tivesse antes eu teria magoado menos pessoas.

Participante XVIII – D. A.

1. Eu acredito que seja um processo de amadurecimento no geral. Acho que o envelhecer acaba sendo uma progressão da vida, o tempo inteiro acumulando nossas experiências e vivências, e pensando no sentido que, ao mesmo tempo que pode ser um acúmulo de memórias e lembranças, acaba sendo também um desafio.
2. Vai de cada um, do jeito que vai levando a vida em si, determina muito de como vai ser quando idoso. É meio difícil generalizar. Alguém mais velho, em torno dos 60 anos, dependendo da pessoa, do estilo de vida, com saúde ou não.
3. Depende do grupo a ser analisado, depende do meio. Porque a velhice acaba sendo uma etapa da vida, um processo, mas dependendo da esfera acaba sendo visto como algo positivo ou não. Algumas pessoas, uma forma de alguém que viveu bastante, acumulou experiências; agora para outras pode acabar tendo aquele sentido de inutilização do sujeito. A pessoa não trabalha mais, então não serve mais para a sociedade, que é uma visão errada. Mas eu acho que é um processo de acúmulo de experiências ainda.
4. Da juventude, saúde e disposição para fazer tudo o que desse na telha, sem ficar dependente dos outros; da velhice, sou meio tendencioso pra falar, porque acho muito importante o acúmulo de experiências ali, no geral, e gosto muito das memórias; gosto muito de ter histórias para contar, memórias como um todo, eu

diria que a sabedoria que vem como um todo, o conhecimento das causas.

Participante XIX – G. S.S.S.

1. Envelhecer é você adquirir experiências ao longo da vida, aprender com os seus erros, mas é você também saber que, infelizmente, a partir daquele momento, todos estão fadados ao mesmo lugar. Então a gente nasce já tendo que encarar a vida, trabalhar, tentar ser feliz, tentar aprender com os erros, mas, infelizmente, é isso, é aquele momento em que não tem saída. É isso envelhecer pra mim. Triste.
2. Uma pessoa idosa... Eu acho que tenho a partir dos meus avós. A minha bisa. 113 anos. Ela é uma pessoa bem idosa. Então, assim, é outra coisa que vem com a idade, né, os problemas da idade. Se você não é uma pessoa com uma genética boa, você acaba dependendo de outras pessoas, e isso, na minha família, *teve bastante.* Se você se cuidar, você consegue ter uma vida mais digna, né, só que a idade, uma pessoa idosa é uma pessoa que eu vejo dependente de outras pessoas, uma pessoa muito carente, que as vezes a família renega, não trata de acordo; a pessoa, ela se abdicou a vida inteira pra cuidar de seus filhos, quando chega a idade os filhos colocam no asilo, alguma coisa assim do tipo, não cuidam; viram as costas, e a pessoa é fadada a receber tratamentos médicos de pessoas que estão nem aí pra elas. Eu acho que é isso, é triste também.

3. Essa tristeza toda! É complicado, porque, assim, nas experiências que eu vejo, existem, sim, idosos que conseguem ter uma vida maravilhosa, a minha sogra, por exemplo, ela é uma senhora de idade, e ela é extraordinária, uma mulher viva, faz de tudo, só que eu não vejo isso na maioria dos idosos, né, então eles acabam sendo pessoas realmente dependentes.
4. A sabedoria da velhice, talvez se eu me olhasse lá do futuro para mim agora, talvez eu falasse para não cometer os mesmos erros; talvez me arriscar mais; talvez não ser tão amarga. E como idosa, eu queria saúde, queria talvez pessoas ao meu redor que me amassem, cuidassem de mim, mas que eu também não fosse um fardo para essas pessoas, sabe, então por isso que eu queria muito a saúde, pra ser igual a mãe do Ramiro, uma idosa feliz, alegre, que faz muita coisa.

Participante XX – K.S.

1. Envelhecer, pra mim, basicamente é adquirir novas experiências, de vida, de conhecimento. É você se tornar uma pessoa mais madura, com uma visão maior do mundo, que se enxerga menor pro mundo, sabe?! A essência é essa, é a experiência, não chega ser a idade, não chega a ser a aparência – a flacidez da pele-, algo estético; tanto é que eu me sinto uma pessoa velha (risos), porque tem umas experiências minhas que eu comparo com as pessoas da minha idade e eu vejo que essas

pessoas não fazem ideia daquilo e eu já penso assim “hm, eu já tive isso, já convivi...”

2. Eu lembro da minha avó, não tem como. É que tem muito fator cultural. Minha avó hoje não está aqui mais, mas pode ser meio machista, mas imagino ela lá, de frente para o fogão dela, cozinhando para os outros. Ela construiu e fez vários quartos pra receber os irmãos, a família, enfim. Uma senhorinha, meio corcunda, cozinhando, mexendo com as plantinhas, essa é a visão que tenho de uma pessoa mais velha, que já sente que fez para o mundo o que ela poderia ter feito, sabe, e hoje ela é muito grata pelo que tem.
3. Paz. É você ter feito o que você poderia ter feito no decorrer da sua vida, ter adquirido as coisas que você almejava, a experiência de que o tempo passa e você tem que valorizar as pessoas que estão ao seu lado, bem como o tempo que você gasta com elas, sabe.
4. Algo da velhice o conhecimento, o aprendizado, e o vigor da juventude. Uma bela troca.

Participante XXI – A. J. E.

1. Envelhecer, pra mim, é você chegar no ápice da sua vida, ter vivido de tudo que você poderia viver, e eu acredito ter chegado ao melhor momento da vida. Você já criou seus filhos, está isento de responsabilidades; pode curtir os seus netos pequenininhos, *vendo eles* crescendo; então, a melhor coisa, eu

acho, que é a velhice. Você está na sua casa, você já fez tudo, você pode ficar tranquilo, em paz; então, eu acredito que a velhice ela é isso, aquele momento que você realmente pode relaxar, finalmente descansar. Com a sensação de que cumpri tudo aquilo que eu tinha que fazer. Eu vim ao mundo pra isso e eu cumpri o que eu tinha que cumprir. Vou ficar em paz agora, vou, sei lá, deitar na minha rede, vou fazer o que eu quiser fazer. Posso viajar, posso ficar em casa, posso ficar comendo *porcaria*; posso vender tudo e sair perdido por aí.

2. A velhice é justamente isso, chegar no melhor momento da sua vida, depois de cumprir tudo, com a sensação de que você fez tudo o que tinha pra fazer. Você pode ter adquirido toda a experiência que você tinha também, e isso te tornou quem você é naquele momento, chegou naquilo, de todos os anos que você viveu.
3. Por exemplo, meu avô tem 78 anos, e eu admiro demais. Porque depois que minha avó faleceu, ele que cuidou da casa, fazia almoço para o meu tio todos os dias, preparava marmita, fazia café. Tem um carinho pelos netos, ganhou uma bisneta ano passado, mais dois bisnetos esse ano, ele tá vivendo o amor que ele tem. Meu avô é *miss simpatia*, conhece todo mundo, e ele adora sair; tem um primo que dá muita atenção pra ele e ele adora. Ele conta umas histórias de quando era mais novo.
4. Da velhice para ter agora é a experiência; da juventude pra ter na velhice, eu acho que, não sei, talvez da infância, eu teria a inocência. Você é muito mais despreocupado quando se é

inocente; você fica mais tranquilo, e é uma coisa que eu gostaria de ter.

Participante XXII – V.A.N.O.

1. Envelhecer é você ganhar/adquirir conhecimento, evoluir como pessoa, como pensamento, mas também é ter uma privação de movimentos, de corpo, de coisas que costumava a fazer. Então é um movimento de perdas e ganhos.
2. Uma pessoa que já não consegue fazer as mesmas coisas, seu corpo já não permite, é um corpo cansado, que não tem um movimento tão bom – embora existam alguns idosos que tenham saúde, na maioria, a gente sabe que são pessoas limitada. Mas, ao mesmo tempo, são pessoas felizes, eu não conheço muito *velho* triste.
3. O que representa a velhice, eu acho que sossego. É o momento que você vai poder descansar da vida, aproveitar. Se Deus quiser, né, se não estiver doente.
4. Da juventude para ter na velhice, amigos. Chegar velho com os meus amigos. E algo que eu gostaria de trazer da velhice para a juventude, a sabedoria.

Participante XXIII – D.A.S.L.

1. Envelhecer é um processo natural, com dores, mudanças comportamentais.
2. Uma pessoa idosa, a minha avó. Uma pessoa animada, feliz, participativa, presente dentro das limitações fazia tudo. Muito forte, raçuda.
3. O que representa a velhice é experiência.
4. Da juventude, não ter dores. Da velhice, a sabedoria.

Participante XXIV – F.Q.V.

1. Envelhecer é tempo, vivência e experiência de vida.
2. Seria uma pessoa com bastante experiência de vida, com conhecimento agregado, independente se é conhecimento de estudos ou de vivências.
3. O que representa a velhice é o tempo.
4. Na velhice, da juventude escolheria ter muito ânimo e força. Na juventude, da velhice escolheria conhecimento agregado pra vida.

Participante XXV – L.M.L.S.

1. Envelhecer é passar do tempo.
2. Seria uma pessoa com problemas nas juntas, de saúde, comorbidades, cabelo branco.
3. O que representa a velhice é passar do tempo.

4. Na velhice, da juventude ter saúde. Na juventude, da velhice ter dinheiro.

Participante XXVI – G.H.

1. Envelhecer é ficar mais experiente.
2. Seria uma pessoa que já tem muita vivência e experiência na vida.
3. O que representa a velhice é o fim da jornada.
4. Da velhice, o conhecimento; da juventude, todo o caminho a trilhar.

Participante XXVII – A.J.G.S.

1. Quando penso na ideia de envelhecer, tá ligado ao amadurecimento, amadurecer junto com a passagem da vida. Conforme os anos vão passando você passa por experiências que te trazem um amadurecimento, um conhecimento. A
2. Vem a ideia da minha avó na minha cabeça. Uma pessoa mais frágil, de cabelo branco, essa coisa do imaculado, sabe?! Aquela pessoa sagrada, o idoso. Uma ideia positiva.
3. Crochê, jogo de bocha, meu avô assistindo o jogo dos Santos no domingo. Porque Santos é time de *velho* (risos).
4. Eu traria da velhice essa coisa do conhecimento para a juventude. E eu levaria da juventude o avivamento. Os idosos tem mais essa questão de estar cansado. Levaria essa coisa da juventude mesmo, essa alegria, essa euforia para a velhice.

Participante XXVIII - J.

1. Fisicamente, suas células envelhecer. Psicologicamente, dependendo da sua vivência, amadurecer, emocionalmente também. Você vai perdendo um pouco da vitalidade da juventude, mas vai ganhando em conhecimento e experiência, acho que isso é envelhecer.
2. Ah, hoje em dia uma pessoa a partir dos 70, 75 anos. A partir de uma idade em que começa a ficar um pouco dependente de alguma ajuda, senão ainda é adulto.
3. Velhice... Eu nunca parei pra pensar nessas coisas. Acho que é o contrário de juventude.
4. Ia falar um negócio, mas é mancada (risos). Ah, escolheria saúde para a velhice. Quero ficar saudável quando estiver mais velho. Quem tem saúde, tem tudo. Ah, e da velhice para a juventude, experiência e maturidade.

Participante XXIX - L. D. R.

1. Primeiro de tudo, é um privilégio. Saber que a gente tá podendo viver mais. Entrando na parte estética, que não deixa de ser uma futilidade, mas é muito importante para a mulher, quando a gente se reconhece como uma pessoa que vai ter ruga, que aquela beleza que a gente tinha não tem mais, o envelhecimento é você se reconhecer como uma nova pessoa, mas não deixando de ser você mesmo.

2. Hoje, o idoso pode ser uma pessoa que tem, a gente acha que seria uma pessoa que poderia ter aprimorado mais conhecimento, mas hoje, pela minha experiência convivendo com meus pais idosos, a gente adquire muita coisa ruim, a gente aprimora muita coisa ruim, não só conhecimento, como a gente também adquire e aprimora muito o orgulho. Ao chegar na terceira idade, se o idoso não abrir mão de todos esses *valores* ruins, não é muito proveitosa (a terceira idade).
3. Ah, eu não gosto de nada que vem do velho, porque velho pra mim a gente fala de móvel. Eu gosto do envelhecimento, da maturidade. A gente tá ficando maduro. Eu vejo como uma evolução.
4. O que mais prezo, mais estou lutando para ter na velhice é a Independência, e acho que eu gostaria de ter (juventude) uma sabedoria que alguns idosos têm, principalmente uma leveza de viver que alguns idosos têm também.

Participante XXX - M.R.

1. Para mim o envelhecimento é quando alguém se deixa abater pela idade e pelo seu espírito, ela mesma se entrega ao tempo. Uma pessoa que não faz nenhum exercício físico, vive cansada, indisposta, ranzinza, mau humorada. O espírito da pessoa se deixa levar por isso, ficando mais “velha” do q ela realmente é.

2. Ossos fracos, pele flácida, cabelos brancos ou grisalhos, olhos caídos, boca mais seca, sem agilidade, dificuldade na fala, vista cansada, dificuldade na hora de ouvir, etc.
3. Alguém que que só consegue viver com ajuda de outra pessoa.
4. Eu escolheria o conhecimento/experiencia da minha velhice para ter agr. E quando mais velho eu só quero ter a disposição que tenho agora.

CAPÍTULO 3

UM ESTUDO DE RELAÇÕES DE AFETO E TRABALHO ENTRE IRMÃOS

Ana Paula Aparecida Vieira[1]; Jacinta Fátima de Souza[1];
Josimacia Barbosa de Barros Souza[1]

RESUMO

A importância da figura parental na vida da criança para a formação de sua personalidade e seu desenvolvimento tem sido objeto de estudos há várias décadas e muitos estudiosos construíram várias teorias sobre esse processo, porém a relação fraterna também tem grande relevância na construção da identidade. No entanto ainda há poucos estudos sobre a importância da relação entre irmãos. Este trabalho tem o objetivo de descrever alguns estudos realizados sobre o referido tema e apresentar uma pesquisa qualitativa realizada com duas mulheres adultas, membro de uma família constituída de pai, mãe e oito irmãos, que trabalham juntas numa Cooperativa em Itapetininga, São Paulo. Confirmou-se a importância da relação entre irmãos na vida da criança e como ela repercute na vida adulta.

1 Graduando em Psicologia pela Universidade do Sudoeste Paulista (UniFSP) – Campus Itapetininga.

INTRODUÇÃO

A família é um grupo social que é a base da pessoa, pois contribui para a sua formação e desenvolvimento, nela se aprende, segundo Thoman (1993), os quatros subsistemas, as normas, os estatutos, os papeis e funções que servirão para convívio da pessoa em todos os seus futuros grupos sociais.

É de conhecimento que a figura parental tem grande influência na formação da personalidade do indivíduo, a presença ou ausência do pai trazem consequências significativas, com efeitos positivos e/ou negativos; a maneira como a mãe cuida, amamenta, se comunica e interage com os filhos ficará impregnada na consciência e inconsciência da pessoa. Desde seu início, a psicologia dedicou-se muito a estudar o desenvolvimento, a formação da personalidade e conflitos, tendo como foco a relação progenitores-criança, mas a relação fraterna não foi considerada (Pereira e Lopes, 2013).

Na verdade, pode-se encontrar pela primeira vez o termo complexo fraterno nos escritos de Freud (1923 *apud* Pereira e Lopes, 2013), no entanto o tema principal era o amor e atenção dos progenitores e não a relação fraterna em si, e ainda com o olhar patológico, ou seja, buscou-se os elementos negativos da mesma tendo como perspectiva as figuras parentais.

O primeiro a focalizar a relação entre irmãos foi Alfred Adler (1954), entendeu-a como o "primeiro 'microcosmo' social onde a criança pode desenvolver habilidades cooperativas e preparar-se para

os relacionamentos futuros" (Pereira e Lopes, 2013). Graças à teoria familiar sistêmica desenvolvida na década de 90, o interesse pelo estudo das relações entre irmãos cresceu, pois nesta, o foco é o estudo da pessoa e suas interações como um sistema (Pereira e Lopes, 2013).

> O subsistema fraternal é o espaço da socialização e da experimentação de papeis em relação à escola, ao grupo de amigos e ao mundo do trabalho, é aqui que se começa a vivenciar o apoio mútuo, a competição, o conflito e a negociação nas brincadeiras e nas batalhas (Alarcão, 2000).

As interações entre irmãos são elementos essenciais e marcantes da socialização, uma vez que são proporcionadores do desenvolvimento de competências instrumentais e afetivas de relacionamento entre pares (Minuchin, 1985 *apud* Martins, 2019). Segundo Fernandes (2000 *apud* Martins, 2019) as relações entre irmãos estão envolvidas de afetos, indo do amor ao ódio. E o risco existe quando elas se salientam num só ponto desses dois, onde excessiva proximidade poderá levar a incesto, ou demasiado distanciamento e rivalidade, poderá motivar fratricídio.

Os irmãos desempenham papeis de cuidadores, amigos e figuras de suporte ao longo de toda a vida. Através de comportamentos de ajuda nas tarefas diárias de casa, de atividades cooperativas e do simples companheirismo; irmãos causam uma grande influência na vida dos demais, além de terem uma participação importante no processo de socialização (Dellazzana e Freitas. 2010).

Na relação entre irmãos, na maioria das vezes, há o vínculo fraternal que engloba o cuidado com o outro, ou seja, uma preocupação

com sua segurança, com seu bem, com suas emoções. Esse cuidado é característica marcante do irmão mais velho e/ou mais forte para com irmãos mais novos e/ou mais frágeis (Dellazzana, 2010).

A situação econômica e social da família tem grandes influências nas relações entre irmãos, pois entre famílias de baixa renda, há necessidade da luta pela sobrevivência que leva à criação de estratégias que podem gerar entre os irmãos maior apoio ou rivalidades (Dellazzana, 2010).

> A rivalidade fraterna é uma experiência usual que está muito presente no dia- a-dia dos irmãos (...). Ela englobaria tanto a competição entre irmãos por recursos, prestígio ou poder face a outro indivíduo, mas também o ciúme que se baseia na relação dos pais com os irmãos (Pereira e Lopes, 2013).

A maneira como os pais se relacionam com os filhos não fica despercebida, e "a percepção da preferência parental por um dos filhos pode acarretar consequências negativas para os restantes" (Sampaio e Vieira, 2010).

Conforme já mencionado a relação entre irmãos é marcada pela ambivalência, pois há situações em que ela colabora na identificação, a pessoa vê no irmão ou irmã mais velho algo que também deseja conquistar ou uma pessoa que deseja ser; mas também há situações em que essa relação se torna objeto de conflito e repulsa (Mundo Psicólogos, 2018).

O vínculo afetivo no contexto familiar é uma relação estabelecida na continuidade do tempo; as lembranças, as vivências e experiências partilhadas na infância e adolescência, as memórias da vivência familiar, irão desempenhar um papel fundamental na manutenção ou não da relação entre irmãos na vida adulta. A rotina da relação entre irmãos e seus modelos vinculares resultantes dessa ligação, como por exemplo, rivalidade, afeto e cumplicidade, responsabilidade pelo outro, impulso de domínio, entre outros, tendem a ser reproduzidos ao longo da vida dos sujeitos. Os irmãos têm consciência das distintas características de sua personalidade por terem juntos vivenciados sentimentos e divergências ao longo dos anos na intimidade da vida familiar (Lucas e Silva, 2020).

OBJETIVOS

Analisar a relação entre irmãos e a dinâmica do afeto em seu relacionamento, a partir da percepção do seu contexto familiar. Compreender como a relação entre irmãos vivida na infância repercute na vida adulta.

METODOLOGIA

A partir do estudo bibliográfico sobre a relação entre irmãos buscou-se realizar uma pesquisa qualitativa através de entrevista a duas mulheres adultas, irmãs integrantes de uma família constituída das figuras parentais presentes e oito filhos. A entrevista se deu em seu próprio ambiente de trabalho. As participantes, irmãs entre si, trabalhavam numa mesma Cooperativa na cidade de Itapetininga,

interior de São Paulo, com a idade de 38 e 42 anos, sendo uma casada e outra separada, ambas com filhos.

O estudo do presente trabalho é qualitativo, buscando a compreensão da pessoa humana e suas relações, conforme os significados atribuídos para as suas experiências. Cada participante respondeu individualmente a uma mesma entrevista que tinha como foco a relação entre irmãos vividas na infância e suas repercussões na vida adulta.

DISCUSSÃO

Os resultados revelaram que as experiências vividas na infância repercutem na relação entre irmãos quando adultos, isso se verifica, por exemplo, no relato de A.: "O pai preferia a D., a mãe preferia a R, quinta filha, era mais doentia."

Hoje na vida adulta, A. não fala mais com R. embora justifique serem motivos atuais, percebe-se uma conexão com a experiência vivida na infância. Isso confirma o que Sampaio e Vieira (2010) afirmaram "a percepção da preferência parental por um dos filhos pode acarretar consequências negativas para os restantes" (Sampaio e Vieira, 2010).

É interessante que a resposta à mesma pergunta da segunda irmã entrevistada foi diferente, para M. a mãe preferia A., pois dizia que A. era explosiva e precisava de mais atenção.

Porém, as duas irmãs disseram que se sentiam amadas por seus pais, M. acentuou "bastante" amada. Para ambas, a relação entre os

irmãos quando criança era “normal”, brincavam juntos e também brigavam. De acordo com McHale *et al* (2006) pela vivência de conflitos, as crianças têm a oportunidade de aprender a negociar, tomar a vez, comprometer-se e buscar solução de problemas (McHale *et al,* 2006 *apud* Pereira e Lopes, 2013). Os irmãos se entreajudam no desenvolvimento dessas habilidades tão importantes para a vivência social.

A relação entre irmãos é um “primeiro laboratório no qual as crianças podem experimentar relações com iguais (Pereira e Lopes, 2013)”, diferente da relação com a mãe e o pai, com os irmãos a criança torna-se membro de um grupo onde aprende a lidar com questão de liderança, de respeito, de igualdade e de diferenças (Rustin, 2007 *apud* Pereira e Lopes, 2013). A. relatou na entrevista que tinha maior afinidade com os dois irmãos mais velhos que ela, e na adolescência tornou-se mais íntima de R., a caçula das mulheres.

Recentemente à entrevista A. não falava mais com R., com quem tinha intimidade na adolescência, porque esta casou-se com seu ex-marido três meses após a separação. Aqui percebe-se como a questão da rivalidade se faz presente entre os irmãos além da infância. A rivalidade, a violência psicológica e física, podem emergir entre irmãos, fazem parte da história humana; já na Bíblia há alguns relatos sobre isso: “Caim e Abel”, “Esaú e Jacó” E “José e seus irmãos” (Pereira e Lopes, 2013).

A competição e a rivalidade são elementos muito presentes entre os irmãos, cuja diferenciação foi feita por Boer (1990). Para ele competição está ligada a uma relação composta de duas pessoas, onde uma busca superar a outra; enquanto que a rivalidade é também uma busca de superação da outra, mas tendo como foco uma terceira pessoa, aqui existe o desejo de se mostrar superior em habilidades, poder ou aparência para alguém de fora da relação.

A rivalidade se faz presente entre os irmãos da infância até a fase adulta. As duas irmãs entrevistadas vivem esta rivalidade, A. não fala mais com R. como já descrito acima, M. não fala também com N., devido a um desentendimento com relação a cargos dentro da diretoria da Cooperativa onde trabalham. Nas duas situações, é possível perceber como a rivalidade envolve sempre a superação da irmã, com vistas à conquista de algo, pessoa ou poder.

É muito interessante e esclarecedora a etimologia da palavra rivalidade, de acordo com o dicionário Houaiss da língua portuguesa, este termo deriva de *rivalis*, rivalidade diz respeito ao sujeito que possui o direito à mesma água de um rio, junto com outro, isso

conduz à luta constante entre os dois pela água, a fim de sobreviver (Pereira e Lopes, 2013).

Segundo Boer (1990) a rivalidade envolve emoções, parece tocar mais profundamente cognições e emoções, fato que foi corroborado nas entrevistas das irmãs M. e A. quando falaram sobre o afastamento que ambas tiveram com outras duas irmãs. Percebeu-se a

emoção no tom de voz, no olhar e expressões corporais quando falaram de sua rivalidade com outras duas.

No entanto, a relação entre irmãos não envolve somente rivalidade, competição e ciúmes, mas também companheirismo, jogo e apoio emocional (Howe *et al* 1998 *apud* Pereira e Lopes, 2013). A relação entre irmãos desempenha um papel importante no desenvolvimento social das crianças, é uma relação de conexão que pode proporcionar momentos de companheirismo, apoio emocional, competição e rivalidade. Por um lado, os irmãos podem se tornar companheiros inseparáveis, compartilhando brincadeiras e segredos. Eles podem se apoiar mutuamente, oferecendo conforto emocional e ajudando uns aos outros em momentos difíceis; essa relação de confiança e amizade pode ser extremamente valiosa ao longo da vida (Lucas e Silva, 2020).

As irmãs M. e A. expressaram que o fato de terem vários irmãos foi importante para se apoiarem em muitas situações familiares. A. disse que na infância sentia maior apoio da avó e na adolescência do irmão N., mais velho, que ele a apoiava, nas situações difíceis, como também nas experiências de namoros. M. sentia-se apoiada por A. e R., mas no momento conta apenas com o apoio de R. É importante lembrar que A. se afastou de R. pelo fato de ter se casado com seu ex-marido, parece que isso levou M. também afastar-se de A., o que revela que M. apoia R. no seu relacionamento com o ex-marido de A. Segundo A. toda a família reprova esse relacionamento com exceção de M.

Esse contexto confirma a teoria de Elyseu (2003 *apud* Pereira e Lopes, 2013) sobre o complexo fraternal que não depende do complexo de Édipo, pois o complexo fraternal envolve disputa entre iguais para obter um objeto podendo ser pessoa, bens, prestígios entre outros. Esse complexo afeta a estrutura dos indivíduos de maneira particular, independente do complexo edípico e pode se manifestar na clínica pelas relações com os pares e pode também ser ressignificado no casal e nos filhos (Moguillansky, 2003 *apud* Pereira e Lopes, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A figura parental possui uma grande influência na formação da personalidade e nas relações sociais das crianças, mas a relação fraternal também exerce grande importância. As vivências entre irmãos variam de acordo com a estrutura, dinâmica familiar e experiências individuais dos envolvidos. Quando ambos os pais, ou responsáveis destes estão envolvidos no cuidado dos filhos, isso permite uma divisão igualitária das responsabilidades parentais, contribui para um ambiente equilibrado e favorável para o desenvolvimentos da personalidade dos filhos e das relações entre irmãos. Pais e responsáveis envolvidos emocionalmente contribuem para que os irmãos se sintam seguros para compartilhar seus pensamentos, emoções, buscar apoio mútuo.

A relação fraternal fornece um ambiente de aprendizado social e desenvolvimento da personalidade valioso para as crianças. Eles aprendem a compartilhar, negociar, colaborar e resolver conflitos.

Através dessa interação, os irmãos desenvolvem habilidades sociais importantes, como comunicação e empatia. As relações entre irmãos são moldadas por diversos fatores, desde cedo os irmãos compartilham as experiências de vida, uma jornada de vida semelhante; compartilham interesses, segredos, conflitos pessoais, isso permite a criação de um vínculo afetivo, apoio emocional, amadurecimento das relações, capacidade de lidar com as emoções do outro, resolução de conflitos e enfrentamento de desafios.

As relações entre irmãos não são sempre perfeitas, existe rivalidade, competição e conflitos frequentes. Os irmãos desempenham um papel fundamental no desenvolvimento das crianças, fornecendo uma base para o aprendizado de habilidades sociais, construção de identidade e suporte emocional ao longo da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORDEIRO, A.M. *et al*. Revisão Sistemática: Uma Revisão Narrativa**. Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, v.34, p.428-431, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rcbc/a/CC6NRNtP3dKLgLPwcgmV6Gf/?lang=pt. Acesso em 20 de out. 2023.

DELLAZZANA, L. L. e FREITAS, L. D. Um dia na vida de irmãos que cuidam de irmãos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, out. Dez. 2010, p.595-603. Disponível em : https://www.scielo.br/j/ptp/a/j9Fz3BhMLM6PC5LyrTbfjxk/#. Acesso em 20 de out. 2023.

LUCAS, M. G., SILVA, E. P. da. Relação entre irmãos: a percepção do primogênito. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 144 – 159, jun. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1679-494X2020000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso: 30 de out. 2023.

Irmãos que não se dão bem na vida adulta. **Mundo psicólogos**. 2018. Disponível em: https://br.mundopsicologos.com/artigos/irmaos-que-nao-se-dao-bem-na-vida-adulta.. Acesso em 30 out. 2023.

MARTINS, S. R. N. *et al*. **Qualidade do relacionamento entre irmãos, traços de personalidade e funcionamento familiar**. Dissertação de Mestrado, Psicologia Clínica- Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro. Vila Real, 2019. p. 01-24.

PEREIRA, C.R. LOPES, R.C. Rivalidade fraterna: uma proposta de definição conceitual. **Estudos de Psicologia**, 18(2), abril-junho 2013, p. 277-283. Disponível em: https://www.scielo.br/j/epsic/a/5bmw6Py66hQwRNdj5bWR3xt/?lang=pt. Acesso em 30 out. 2023.

RANKINGS, Scimago I. Mulheres cuidadoras em ambiente familiar: a internalização da ética do cuidado. **Cad. Saúde Coletiva.** Jul/set 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cadsc/a/Rj7CcQFNbJHCTFpwWGrnppp/?lang=pt. Acesso em 19 out. 2023.

CAPÍTULO 4

INTERVENÇÕES EM SAÚDE MENTAL PARA PROFISSIONAIS DA SAÚDE NO CONTEXTO DE PANDEMIA DE COVID -19

Anna Júlia I. Amorim; Brenno Thayan S. Rodrigues;
Diovana Fonseca; Débora Cristina Aleixo

RESUMO

Enfrentar desafios que a pandemia trouxe causou danos irreversíveis a memória do profissional de saúde, é crucial implementar medidas de apoio à saúde mental, incluindo serviços de aconselhamento, acesso a recursos de bem-estar, treinamento em resiliência e estratégias de autocuidado. Além disso, é fundamental reconhecer a importância de dar apoio psicológico aos profissionais de saúde para garantir que eles possam continuar a fornecer cuidados de saúde de qualidade durante a pandemia e além.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia; Covid-19; Saúde; Profissionais.

INTRODUÇÃO

A presente análise tem como objetivo abordar as questões emocionais vivenciadas por profissionais da saúde causadas pela pandemia do novo coronavírus. A crise de saúde pública causada pelo COVID-19 é a mais significativa que o Brasil tem enfrentado em muitos

anos. Além das preocupações com a saúde física, também há preocupações com o impacto psicológico que a população em geral e os profissionais de saúde envolvidos estão enfrentando.

No contexto da pandemia, a população em geral tem vivenciado situações altamente estressantes, incluindo o aumento do risco de infecção, doença e morte, bem como a possibilidade de transmitir o vírus a outras pessoas. Além disso, muitas pessoas têm sido expostas a mortes em grande escala e enfrentado frustração por não poder estar presente em momentos importantes, como o falecimento de amigos ou familiares, apesar dos esforços para manter o distanciamento social.

A recomendação de evitar o contato próximo com outras pessoas afetado significativamente o bem-estar emocional da população, que tem enfrentado a dor, o sofrimento, as mortes e as perdas resultantes dessa situação catastrófica. É importante destacar que essas circunstâncias inadequadas também podem estar associadas a condições inadequadas de trabalho, o que pode gerar ainda mais sofrimento emocional. Assim, pode surgir tantos quadros de Transtornos Mentais Comuns (TMC), Síndrome de Burnout (SB), e a longo prazo, depressão e até mesmo tentativa de suicídio. (PEREIRA et al., 2020, p 10).

O sofrimento emocional afeta a vida dos trabalhadores em vários aspectos, incluindo sua vida familiar, social, pessoal e profissional. Pode prejudicar seu desempenho nos estudos, afetar sua capacidade de se autoconhecer e compreender os outros, bem como

reduzir sua capacidade de autocrítica, enfrentar problemas e desfrutar de uma vida plena e feliz. (PEREIRA et al., 2020, p 10).

Dada a vulnerabilidade da população em geral ao sofrimento emocional e à exaustão mental em decorrência do contexto da pandemia, pode-se afirmar que é crucial oferecer acompanhamento psicológico adequado.

O suporte psicossocial tem por objetivo fornecer ajuda emocional e o sentimento de pertença a um contexto, ou seja, envolve a reciprocidade e contribui para a valorização do eu, o bem-estar psíquico, maior estado de satisfação com a vida e níveis de autoestima.

A vivência do pós COVID 19 e do isolamento social proporciona ricas experiências, histórias e frustrações, por isso, o apoio psicológico é fundamental.

OBJETIVO

Compreender como esteve a saúde mental de profissionais que trabalham em Hospitais diante da pandemia de COVID-19.

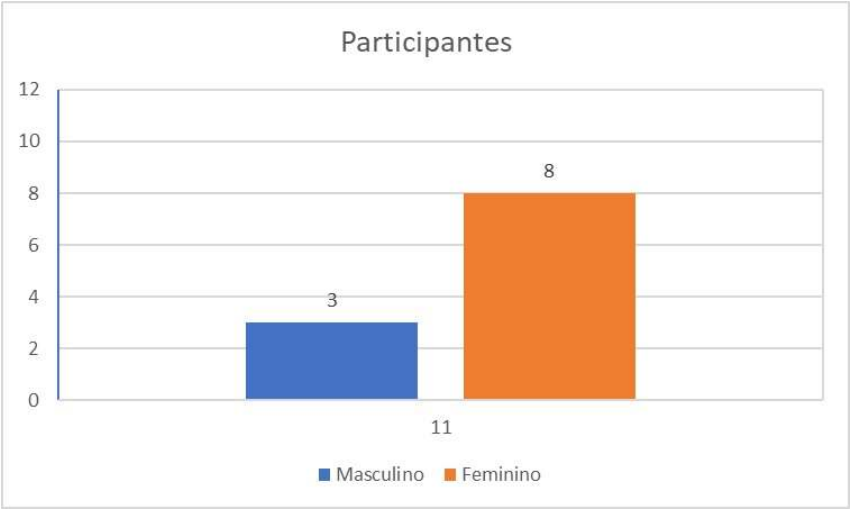
MÉTODO

Foi elaborado um questionário de plataforma online com perguntas relacionadas com os impactos sofridos da pandemia COVID-

19, da qual foi enviado para os entrevistados e logo respondido por eles. Essas respostas foram armazenadas no drive eletrônico e por meio dos dados coletados conseguiremos compreender as questões trazidas por esses profissionais.

RESULTADOS

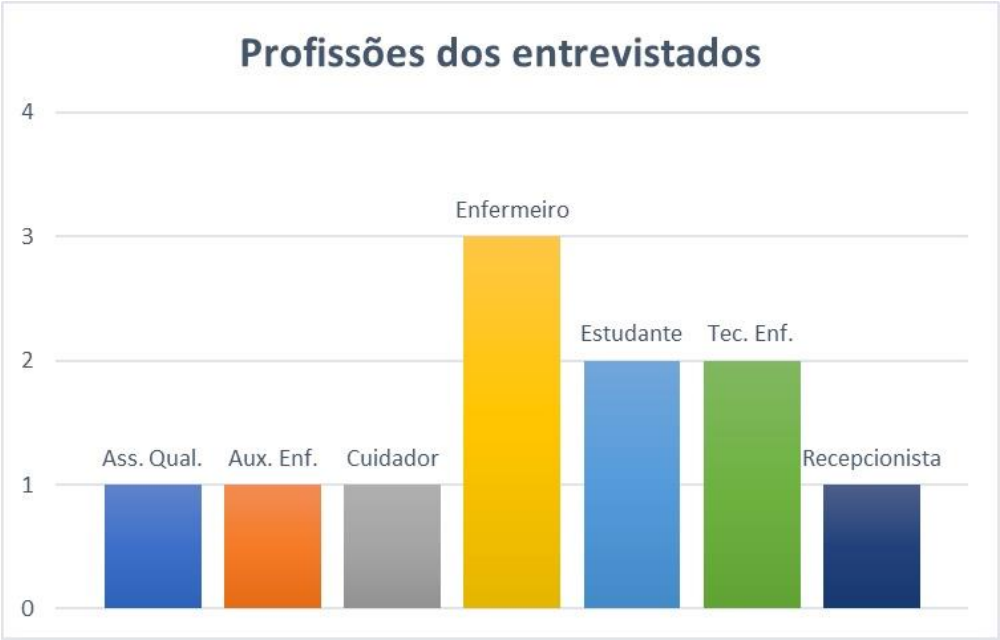
Gráfico I – Gênero dos Participantes



Fonte: Elaboração Própria

Tivemos 11 participantes, sendo 8 femininos, 3 masculinos, localizados em 1 Tatuí-SP, 1 Alambari-SP, 1 Guareí-SP, 1 Dourados-MS, 1 Mauá-SP, 5 Itapetininga-SP

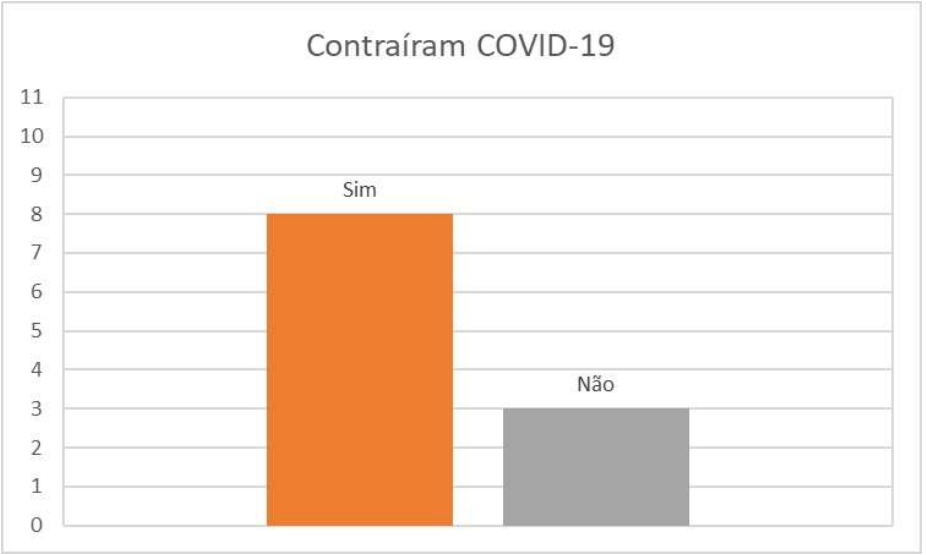
Gráfico 2 – Profissão dos Entrevistados



Fonte: Elaboração Própria

Em geral os participantes estiveram ligados à área de saúde direta e/ou indiretamente: participaram da pesquisa 1 Assistente de qualidade, 1 auxiliar de enfermagem, 1 cuidador, 3 enfermeiros, 2 graduandos de enfermagem, 2 técnicos de enfermagem, 1 recepcionista.

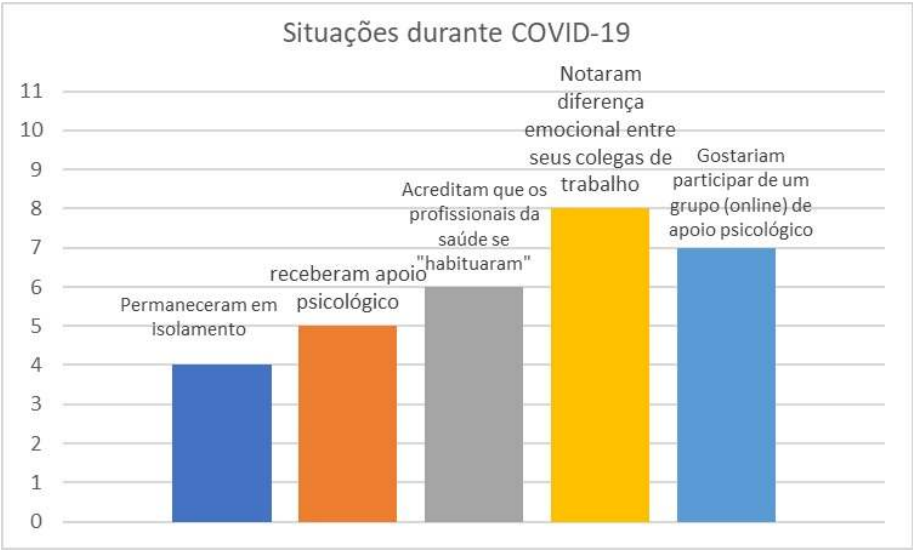
Gráfico 3 – Participantes que contraíram COVID-19



Fonte: Elaboração Própria.

Dos participantes, 8 pessoas contraíram a covid-19 e 3 não. Desses números apenas 1 pessoa buscou algum tipo de acompanhamento psicológico com queixa inicial relacionado a pandemia covid-19 e nenhuma pessoa buscaram ou fez acompanhamento psiquiátrico. 2 pessoas sofreram violências no ambiente de seu trabalho desde o início da pandemia covid-19. 4 pessoas permaneceram em isolamento. 5 pessoas receberam apoio psicológico ou emocional da instituição que trabalham. 6 pessoas acreditam que os profissionais da saúde se "habituaram" com os casos de mortes ou sofrimento causados pela pandemia covid-19.

Gráfico 4 – Situação durante o COVID-19



Fonte: Elaboração Própria.

De acordo com o gráfico 8 pessoas notaram que desde o início da pandemia até o presente momento, houve alguma diferença emocional entre seus colegas de trabalho e 7 pessoas acredita que houve consequências no ambiente de trabalho. 7 pessoas se tivesse a oportunidade de participar de um grupo (online) de apoio psicológico, participaria e 1 talvez.

Todas as pessoas entrevistas perceberam em si mesmo ansiedades ou crises (sejam qual for) neste período pandêmico. Descreveram esse momento de pandemia COVID-19 como recomeço, adaptação, medo, insegurança, culpa, empatia, nervosismo, valorização, ansiedade, reflexão, vazio, resiliência.

A partir dos resultados coletados na pesquisa, é possível perceber os impactos e prejuízos causados nos profissionais de saúde no contexto pandêmico e pós pandemico, tal pesquisa se deu de maneira reduzida, com a devolutiva de 11 profissionais da área da saúde entre eles, 1 Assistente de qualidade, 1 auxiliar de enfermagem, 1 cuidador, 3 enfermeiros, 2 graduandos de enfermagem, 2 técnicos de enfermagem, 1 recepcionista. Das seguintes cidades: 1 Tatuí-SP, 1 Alambari-SP, 1 Guareí-SP, 1 Dourados-MS, 1 Mauá-SP, 5 Itapetininga-SP.

Tal amostra se fez a partir da coleta de dados voluntários dos profissionais no período de 11 de outubro de 2022 á 11 de novembro de 2022. De maneira mais ampla é possível ainda considerar uma pesquisa semelhante “Condições de Trabalho dos Profissionais de Saúde no Contexto da Covid-19 no Brasil” teve apoio das seguintes entidades/instituições Conass, Conasems, CNS, Cofen, CFM, FIO, ISP, FCMMG/FELUMA, UFAM, Nescon/UFMG , UFPA, Icict, IAM e Gereb. E obteve mais de 25 mil participantes, sendo aproximadamente 16 mil da área da saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, os profissionais da área da saúde que estão na linha de frente durante a pandemia de coronavírus estão enfrentando uma grande carga de estresse, ansiedade e depressão devido à

preocupação e trabalho excessivo, bem como ao grande número de mortes e longas jornadas de trabalho.

Os profissionais que enfrentaram a pandemia atual são mais suscetíveis a desenvolver transtornos psicológicos, incluindo a depressão. Eles estão exaustos fisicamente, enfrentando ansiedade, insônia e angústia, e temem levar a doença para casa e infectar seus familiares. A grande escala de perda de pacientes durante a pandemia e a pressão enfrentada por esses profissionais são fatores que mais prejudicam sua saúde.

Portanto, é importante destacar que, assim como os pacientes, os profissionais de saúde também têm entes queridos que desejam vê-los voltar para casa com saúde física e mental. Esses profissionais precisam de atenção especial às suas necessidades físicas, mentais e espirituais.

Devem ser implementadas medidas para garantir sua saúde, incluindo a melhoria das condições de trabalho, recursos adequados para assistência, treinamentos apropriados, redução das longas horas de trabalho e ambiente propício ao descanso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PEREIRA, M. D.; TORRES, E. C.; PEREIRA M. D.; ANTUNES, P. F. S.; COSTA, C. F. T. **Sofrimento emocional de enfermeiros em ambiente hospitalar frente à pandemia de COVID-19.** *Research, Society and Development*. [S.1], v. 9, n. 8, 2020. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/5121. Acesso em: 24 abr. 2022.

CERCA de 1,8 bilhão de pessoas dependem de instalações de saúde onde falta água. **ONU News.** 2021. Disponível em: https://news.un.org/pt/story/2021/01/1738702. Acesso em: 24 abr. 2021.

MARTÍN-BARÓ, I. **O papel do Psicólogo.** Estudos de Psicologia: Natal. v. 2, n. 1. p. 7- 27, 1997. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-294X1997000100002. Acesso em: 24 abr 2021.

PEREIRA, M. D.; TORRES, E. C.; PEREIRA M. D.; ANTUNES, P. F. S.; COSTA, C.

F. T. **Sofrimento emocional de enfermeiros em ambiente hospitalar frente à pandemia de COVID-19.** *Research, Society and Development*. [S.1], v. 9, n. 8, 2020. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/5121. Acesso em: 24 abr. 2021.

REIS, J. R. T. Família, emoção e ideologia. IN: LANE, S. T. M. CODO, W. (orgs.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, p. 117, 1984.

SANTANA, H. M.; PARREIRA, N. S. **Resolução COFEN-218/1999.** Rio de Janeiro: Conselho Federal de Enfermagem, 1999. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/resoluocofen-2181999_4264.html. Acesso em: 24 abr. 2021.

VELASCO, C. **Raio X do saneamento no Brasil: 16% não têm água tratada e 47% não têm acesso à rede de esgoto.** G1, 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/06/24/raio-x-do-saneamento-no-brasil-16percent-nao-tem-agua-tratada-e-47percent-nao-tem-acesso-a-rede-de-esgoto.ghtml.

Acesso em: 24 abr. 2021.

CAPÍTULO 5

DINÂMICAS GRUPAIS VOLTADAS A JOVENS FREQUENTADORES DE UM ABRIGO NO MUNICIPIO DE ITAPETININGA-SP

Camila Pereira de Barros[1]; Leonardo Barros Phols[1];

Tatiana de Almeida Brochado[1]; Yasmim Maria da Silva Carneiro[1]

RESUMO

A Curricularização da Extensão (Resolução MEC 07/2018) transparece a necessidade da aproximação entre teorias e práticas do futuro profissional com a comunidade durante a graduação. O projeto prescrito foi constituído através da temática que abrange o âmbito da relação intrapessoal entre os menores e a equipe multidisciplinar pertencentes à Casa Lar no município de Itapetininga/SP. Tendo como demanda principal a agressividade, as dinâmicas realizadas obtiveram como embasamento o fortalecimento do respeito e limites saudáveis que contribuem para uma interação mais frutífera entre os participantes. A autoestima também foi um objetivo a ser fundamentado durante o projeto, uma vez que a autoimagem se faz indispensável na integração e desenvolvimento psíquico do ser humano na fase entre infância e adolescência. Em síntese, indivíduos pertencentes à esta categoria social necessitam, de forma global, do olhar sensibilizado e compreensivo da comunidade. A escuta, o acolhimento e a capacitação trazem à tona a constituição das possibilidades de ser enquanto

[1] Graduando em Psicologia pela Universidade do Sudoeste Paulista (UniFSP) – Campus Itapetininga

indivíduo na medida em que a liberdade de escolha se faz presente durante o processo.

Palavras-chave: Extensão, Agressividade, Autoestima, Adolescência, Comunidade.

ABSTRACT

The Extension Curricularization (MEC Resolution 07/2018) transpires the need to bring theories and practices of future professionals closer to the community during graduation. The prescribed project was constituted through the theme that covers the scope of the intrapersonal relationship between minors and the multidisciplinary team belonging to Casa Lar in the municipality of Itapetininga/SP. With aggressiveness as the main demand, the dynamics carried out were based on strengthening respect and healthy limits that contribute to a more fruitful interaction between participants. Self-esteem was also an objective to be based on during the project, since self-image is essential in the integration and psychic development of human beings in the phase between childhood and adolescence. In summary, individuals belonging to this social category need, globally, the sensitized and understanding look of the community. Listening, welcoming and training bring to light the constitution of the possibilities of being as an individual to the extent that freedom of choice is present during the process.

Keywords: Extension, Aggressiveness, Self-esteem, Adolescence, Community.

INTRODUÇÃO

A visibilidade dos trabalhos de ação social demanda estratégias de vários campos profissionais, entre os quais a Psicologia Social

Comunitária ocupa lugar de destaque devido sua trajetória de construção junto as dinâmicas comunitárias, ao mesmo tempo enfrenta desafios na realização de seus trabalhos perante a estrutura sistêmica em que a sociedade pertence (CAMPOS, 2014).

Martín-Baró (1989, 1990) aponta que o problema central da discussão sobre o papel do psicólogo não está apenas na intenção subjetiva deste a respeito de sua prática, do seu "quefazer" (*quehacer*). Todavia, antes se situaria em questionar "...para onde vai, levado por seu próprio peso, o quefazer psicológico? Que efeito objetivo a atividade psicológica produz em uma determinada sociedade?" (Martín-Baró, 1990, p. 57). Assim sendo, é importante que estes profissionais reconheçam seu compromisso social perante a realidade em que estão inseridos. Os psicólogos devem se posicionar mediante as maiorias populares (definida pelo autor como a população pobre, oprimida e desprovida de direitos na sociedade) para protegê-los.

Lane (2016) e Martín Baró (1996), defendiam que o papel do psicólogo visava a compreensão dialética sobre o que acontece na vida concreta das pessoas e que fossem guiados pelo fenômeno comunitário. Ao enfatizar, em verdade já se delineavam alguns dos fundamentos das práticas da Psicologia Comunitária e da Psicologia Social Comunitária latino-americana, da maneira como compreende-se hoje. Tais fundamentos referem-se aos processos de conscientização e de participação na rede de relações no contexto comunitário. Os desafios dos processos de conscientização e participação comunitária estavam ligados no que fazer e como fazer, e o que é feito para potencializar os

processos de organização, mobilização e participação das comunidades dirigidas e suas necessidades.

Martin-Baró (1996) indaga que os psicólogos devem produzir a conscientização, ou seja, auxiliar as pessoas a superarem sua identidade alienada, pessoal e social ao transformar as condições opressivas de seu contexto. A violência enquanto uma arma para paralisar as lutas revolucionárias só enfatiza o quão este problema é estrutural do sistema na qual a sociedade está introduzida. A distribuição desigual dos bens disponíveis é uma violação dos direitos humanos, isso torna muitos com pouco, e poucos com muito.

Devido à má estruturação, à falta de recursos básicos e principalmente, à desigualdade presente no Brasil, algumas famílias vítimas do setor crítico de pobreza são levadas a decisão de abandonar seus filhos ou simplesmente optam por ir embora e desistem de suas responsabilidades, isso ocorre, de formas divergentes, desde os primórdios. No período imperial, crianças e adolescentes pobres em situações de abandono que não estavam infringindo nenhuma lei, eram de responsabilidade total da Igreja, que possuía grande influência sobre o Estado. Essas crianças eram classificadas como "órfãos e expostos da roda", e quando bebês eram deixadas numa espécie de abertura no muro dessas instituições, sendo impossível reconhecer quem as deixava, porém, algumas crianças não sobreviviam por muito tempo, em decorrência de maus tratos persistentes nesse local (TRINDADE, J., 1999).

Antes da propagação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), as instituições que abrigavam esses indivíduos eram os

orfanatos. Entretanto, ainda não se via um conjunto de normas que desse total assistência para esse grupo específico, apenas um "código de menores" na qual a função era punir essas crianças ou adolescentes que cometiam alguma infração. Logo, poderiam, de alguma forma, ser facilmente desamparados. Com o desenvolvimento do ECA em 1996 - principal marco legal e regulatório dos direitos das crianças e adolescentes cujo objetivo é garantir direitos fundamentais de sobrevivência, desenvolvimento pessoal e social, integridade física, psicológica e moral, além de protege-los - descrevendo todos os direitos e deveres em leis objetivas, tornou-se mais claro qual era o dever da sociedade, pais e estado perante esses indivíduos, aumentando o cuidado para garantir uma criação digna e acolhedora, evitando tampouco o abandono em maiores proporções (SOUZA, 2016).

Com a criação do ECA em julho de 1996, as crianças e adolescentes passaram a ser vistos como sujeitos portadores de direitos, criando o sistema de acolhimento atual, que tem como objetivo a reintegração familiar de origem ou a inserção em uma família substitutiva (SOUZA, 2016).

Por sua fragilidade inerente à condição de pessoas em desenvolvimento biopsicossocial, são as crianças e os adolescentes os mais atingidos pelo aumento da pobreza no país. As condições de pobreza associadas à escassez de assistência às famílias têm como consequência o enfraquecimento da conexão entre os responsáveis e as crianças e jovens, aumentando gradativamente a população infantil nas ruas das grandes cidades. Muitas vezes, acaba por não se tratar de rejeição, negligência ou abandono por parte dos pais biológicos, mas

sim de estratégias desesperadas de sobrevivência após a falha na procura de recursos dentre a comunidade. É imprescindível que a sociedade e, também os psicólogos saibam detectar as desavenças sofridas pela família ou comunidade e agir a tempo para que não chegue em situações extremas como o abandono. Os psicólogos não devem atender apenas as minorias da classe média e alta, mas sim as maiorias populares que compõem a classe baixa, visto que, esse seria um dos passos mais importantes para começar esta luta revolucionária que compreende incluir a todos os mesmos direitos descritos pela ONU (Organização das Nações Unidas).

Segundo Freire (1970), a conscientização baseia-se em mostrar ao sujeito porque está sofrendo, e a melhor forma de conduzir esse processo é a educação. A educação não é somente aprender a ler e escrever, é sobretudo, aprender a ler a realidade e ter a liberdade de escrever a própria história. Deste modo, este Projeto tem como objetivo ensinar crianças e adolescentes a ler a realidade através da educação artística, visando a melhoria no desenvolvimento cognitivo, fortalecimento de laços e renovação da autoestima. É importante para que o indivíduo conheça sua história e faça de extrema relevância sua subjetividade, aproveitando todo o poder que a arte tem sobre os sentimentos, sensações e expressões sob quem a executa.

Os ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) constituem-se em uma agenda que deve ser pautada até 2030. A ODS 4 tem como objetivo “assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos” (p. 13). Em síntese, até 2030 é necessário garantir que todas

as crianças e jovens tenham acesso à educação igualitária, de qualidade e universidades com preços acessíveis, assegurando a inserção ao meio social e comercial do trabalho. Indubitavelmente, esse deve ser o intuito da população mundial, pois os jovens farão o futuro do globo.

Posto que haja dificuldades perante as realidades encontradas e a vulnerabilidade presente em instituições de adoção, a arte será de suma importância para que tais crianças e jovens tenham a oportunidade de expressar-se priorizando, ainda que de forma inconsciente, sua individualidade.

De acordo Coutinho et al. (2014), a aplicação de dinâmicas em grupo apresenta resultados positivos e otimistas, ampliam a comunicação, a sensibilização e a expressão do indivíduo. Logo, proporciona o desenvolvimento do autoconhecimento, estimula os pensamentos e ocasionam confiança e solidariedade. Tampouco, houve insigne modificação no humor, na irritabilidade, na ansiedade das crianças presentes no projeto. Tornaram-se sujeitos mais corajosos com a melhoria da autoestima, mais generosos e afetuosos (provavelmente por considerarem os envolvidos como figuras de apego).

O processo de institucionalização pode ocasionar diversas situações de risco, como separação da figura de apego, dificuldade no progresso da condição psíquica, visto que em alguns casos, o sujeito tende a diminuir sua disposição à socialização pelo seu histórico vivenciado, o que seria prejudicial para um desenvolvimento saudável das crianças e adolescentes pertencentes a este grupo. A intervenção grupal em casas lares seria de insigne notoriedade, tendo em vista que a criação de uma ampla visão demonstrando que a existência destes

sujeitos é de extrema importância e que sempre terão possibilidades de fazer a diferença em suas atitudes futuras, seja uma interessante forma de desencadear mecanismos para o autoconhecimento dos jovens.

O Projeto tem como finalidade indagar o autoconhecimento a partir de dinâmicas grupais. Isto é, o ato de expressar-se em diversificadas dinâmicas e poder ter um espaço de escuta possibilita ao indivíduo separar um momento para si e para o autocuidado (REIS, 2014). Conforme os ideais da Psicologia Social Crítica, é a população que dá o tom para que os estudos ocorram, por isso a comunidade precisa ser ouvida antes de subjugada, provendo suas necessidades e prioridades a princípio. De maneira concisa, é necessário utilizar a práxis (FREIRE, 1970), ou seja, compreender os dois lados e coincidir a teoria com a prática sem inferiorizar as comunidades tornando-as dependentes da indagação do projeto.

A abordagem da Psicologia utilizada neste projeto é a Psicanálise com o objetivo de expor algumas teorias de Freud para compreender condições psíquicas/sociais e desenvolver a possibilidade de reestruturar situações nocivas à consciência.

A Psicanálise surgiu em 1890 após a criação de uma teoria da subjetividade – na qual explanou-se que o indivíduo possui um campo psíquico, uma personalidade única, formando assim, a subjetividade - a fim de solucionar e ressignificar desavenças anteriormente progredidas, que fazem parte da história e da individualidade do ser humano. Para a Psicanálise, o autoconhecimento leva a uma percepção maior da realidade e, assim, é possível filtrá-la com maior compreensão. Em síntese, pode ser usufruída como um instrumento de desenvolvimento

da autoestima pois proporciona o indivíduo a olhar para dentro de si mesmo e compreender as condições que determinam e delimitam sua personalidade.

Desta forma, uma criança que possui a chance de ampliar sua psique – mesmo que de forma inconsciente - torna-se um jovem com grandes possibilidades de reinventar e ressignificar sua própria existência. Um jovem que possui insigne autoconhecimento, uma boa percepção de sua autoimagem e prioriza sua opinião, não é facilmente manipulado pelos demais ao seu redor, logo, é possível haver a progressão de um empoderamento feminino. Com o crescimento do projeto é possível que os jovens mantenham uma postura mais crítica, mais centrada em seus objetivos particulares pois, ao saber quem são, ninguém tira deles suas convicções.

DESENVOLVIMENTO

Visando a integração e acolhimento dos adolescentes e profissionais presentes, no primeiro encontro foi realizado uma dinâmica na qual todos ficaram em roda, a partir disso os adolescentes começaram a jogar a bola para um segundo colega, quem estivesse com a bola na mão falaria um pouco de si, o nome, a idade, o hobby ou aquilo que sentir vontade de falar, sem uma ordem, deixando a dinâmica aberta para que os participantes se expressassem.

No segundo encontro, o enfoque foi na importância da empatia, a princípio explicamos o significado da palavra e em seguida partimos para a dinâmica, estimulando uns aos outros a praticá-la. Os

adolescentes tiveram acesso a fichas com palavras positivas, uma pessoa por vez se levantou, pegou uma (ou mais) ficha da sua escolha e distribuiu para um ou mais colegas, expressando de forma dinâmica o que sente por ele(a). Os adolescentes tiveram a liberdade de explicar ou até mesmo falar um pouco mais sobre a escolha.

No terceiro encontro estimulamos e falamos um pouco sobre os sonhos. Os adolescentes tiveram acesso a revistas e jornais, a partir disso foi pedido para que eles recortassem o que achavam interessante, o que gostariam de comprar um dia, o que desejariam ter, depois disso fizemos uma roda para compartilharmos as escolhas.

No terceiro encontro estimulamos e falamos um pouco sobre os sonhos. Pedimos para que eles escrevessem os sonhos numa folha e que guardassem em um lugar seguro que tivessem acesso, concluímos com uma roda na qual cada um pode expressar aquilo que escreveu no papel.

Ao decorrer dos encontros pedimos feedback das crianças e adolescentes sobre as dinâmicas, permitindo que eles expressassem os seus interesses, para que a partir disso os novos encontros pudessem ser estruturados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, o objetivo do grupo para com os menores era possibilitar expressão de seus sentimentos e ter um momento de descontração durante a rotina do dia a dia, por isso, a cada encontro, uma dinâmica era preparada para que eles se divertissem e ao mesmo tempo pudessem refletir sobre tais acontecimentos, como, por exemplo,

o respeito pelo que o outro sente, a projeção de futuro, etc. Durante as atividades as crianças se comportavam de forma agitada e de difícil organização. Notava-se a dificuldade na concentração e o entendimento de regras de cada dinâmica, refletindo, de tal modo, o ambiente interno de cada indivíduo. É evidente que o comportamento violento era rotineiro entre os indivíduos institucionalizados. O uso frequente de palavras de baixo calão também era perceptível. Notava-se que as crianças mais novas, que acabavam de chegar à instituição, modificavam seus comportamentos de acordo com o tempo, copiando atitudes negativas dos mais antigos.

A falta de perspectiva de futuro era clara, como um dos indivíduos mencionou em uma reunião sobre profissões, que ainda não tinha escolhido uma carreira porque não imaginava ter um futuro em que pudesse fazer essa escolha. Muitos até mesmo demonstravam, indiretamente, a certeza de que não seriam adotados. No entanto, as dinâmicas de mediação de conflitos e convivência em grupo tiveram efeito positivo. Foi evidente que isso levou a uma reflexão e os fez pensar sobre suas atitudes.

Ao decorrer dos encontros, notou-se a presença de um comportamento comum entre os jovens: a agressividade. Este comportamento pode ser compreendido e visto de diversas formas e por diversos contextos. O nosso intuito enquanto estagiários sempre foi entender a subjetividade e a individualidade de cada criança e adolescente e quais seriam os motivos para que este comportamento se tornasse natural naquele ambiente.

Nota-se que dentro da realidade que eles vivem a individualidade de cada criança e adolescente é ignorada, como se todos fossem a mesma pessoa e tivessem o mesmo destino. Os meninos precisavam portar-se como meninos – culturalmente dizendo –, eram repreendidos se dançassem ou fizessem algo que era visto como feminino. É como se não pudessem ser quem realmente gostariam de ser e expressar, dificultando as fases da infância e da adolescência. As regras impostas indevidamente acabavam se tornando, por vezes, um aliciador de problemas, mas que poderiam ser delimitadas de forma natural, a fim de trazer a sensação de um ambiente acolhedor e de pertencimento, não de uma "prisão".

Por outro lado, foi possível denotar o grande número de crianças com diferentes idades e poucos cuidadores, as atividades planejadas na Instituição não parecem comportar esta diversidade, tendo em vista a fragilidade e falta de apoio aos acolhidos e funcionários. Logo, torna-se dificultoso o desenvolvimento das crianças e adolescentes, assim como também o emocional dos demais, por vezes nos deparamos com cenas caóticas e outras felizes, mesmo assim acaba sendo o espaço mais viável na tentativa de se tornar um ambiente para um desenvolvimento saudável.

Visando toda a historicidade individual de cada um, a tarefa de cuidar destes menores não é nada fácil para esses "pais monitores", pois, não existe fórmula mágica ou manual de funcionamento. Foi identificável que é preciso administrar o tempo, paciência, autocontrole e energia nesse ambiente na tentativa de amenizar suas angústias, resgatar parte da infância. Realizou-se intervenções no intuito de

amenizar as situações distintas e inimagináveis vivenciadas por tais sujeitos. A proposta foi estreitar vínculos para que aprendam que há a possibilidade de construir esse vínculo com outras pessoas. Tentamos favorecer o convívio do novo grupo familiar constituído.

Em síntese, durante todo o processo interventivo na Casa Lar do município de Itapetininga – SP, foi possível observar a melhoria na qualidade das relações interpessoais entre os participantes e monitores. Ainda que de forma minuciosa, tornaram-se mais respeitosos diante das figuras de autoridade da Instituição, lidavam com mais compreensão perante as desavenças e regras delimitadas para o convívio saudável. As dinâmicas foram atribuídas tendo como ênfase o desenvolvimento e fortalecimento da autoestima de um modo geral, na concretização da sensopercepção e do pensamento crítico, do vínculo social e afetivo, e, primordialmente, no respeito e estabelecimento de limites positivos. Quanto aos alunos, é interessante identificar uma postura mais crítica, centrada em seus objetivos profissionais, visando a riqueza referente à esta insigne experiência, uma vez que a teoria e a prática se fizeram presentes durante toda etapa do Projeto de Extensão.

O fortalecimento das relações sociais e tomada de consciência exerceu todas as expectativas iniciais: com a minuciosa e sucinta construção da afetividade, da confiança e credibilidade, foi perceptível as mudanças relacionadas aos comportamentos das crianças dentre suas interações e, tampouco, com os alunos atuantes no Projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

KAREN, C.; TOLENTINO, B.; SANTOS, C.; SOUZA, F.; BORGES, C. **Se expressando através do lúdico: relato de um processo de elaboração de uma dinâmica em um grupo de crianças.** Revista Digital. Buenos Aires, 2014.

MARTIN-BARÓ, I. **O papel do psicólogo**. Estud. Psicol.; Natal, 1997. Vol.2, n.1.

REIS, A. C.; **Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo**. SciElo, 2014.

TRINDADE, J.; **O abandono de crianças ou a negação do óbvio.** SciElo, 1999.

CAPÍTULO 6

PESQUISA DE CAMPO SOBRE OS PROJETOS PSICOSSOCIAIS EM UNIDADES DO CRAS DE TRÊS MUNICIPIOS DO SUDOESTE PAULISTA NOS ANOS DE 2022/2023

Julia Garcia de Godoi[1]; Luene Roberta Vaz de Almeida [1];
Luiz Carlos de Oliveira[1]; Najara Agda Gonçalves da Silva Serafim [1]

RESUMO

Este projeto parte da necessidade de investigar a finalidade das atividades oferecidas aos jovens que utilizam os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) em três cidades do sudoeste paulista. Para tal propósito, foi desenvolvida uma pesquisa estruturada no formato do GoogleForms. O objetivo principal é destacar a existência de uma dimensão relacional entre os profissionais que atuam nesses CRAS e os usuários desses serviços. Essa análise visa evidenciar possíveis oportunidades de transformação social e política tanto no contexto de vida dos beneficiários da assistência social quanto na própria atuação da psicologia dentro do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Embora tenham surgido dificuldades durante a condução dessa pesquisa, muitas delas relacionadas a questões burocráticas ou políticas, essa experiência ressalta a importância da

1 Graduando em Psicologia pela Universidade do Sudoeste Paulista (UniFSP) – Campus Itapetininga.

transparência na implementação e na atuação no serviço público. Esse aspecto se torna fundamental para promover a responsabilidade, a participação cidadã, o combate à corrupção, a eficiência administrativa e a confiança da população nas instituições democráticas, como é o caso dos CRAS.
Palavras-chave: Psicologia. Assistência Social. Projetos.

ABSTRACT

This project arises from the need to investigate the purpose of the activities provided to young people using the Social Assistance Reference Centers (CRAS) in the cities of Itapetininga/SP, Capão Bonito/SP, and Sarapuí/SP. For this purpose, a structured survey was developed in the form of a Google Forms questionnaire. The main objective is to highlight the existence of a relational dimension between the professionals working in these CRAS and the users of these services. This analysis aims to demonstrate possible opportunities for social and political transformation, both in the context of the lives of social assistance beneficiaries and in the role of psychology within the Unified Social Assistance System (SUAS). Although difficulties arose during the execution of this research, many of them related to bureaucratic or political issues, this experience underscores the importance of transparency in the implementation and operation of public services. This aspect is crucial for promoting responsibility, citizen participation, the fight against corruption, administrative efficiency, and public trust in democratic institutions, such as CRAS.
Keywords: Psychology. Social assistance. Projects.

INTRODUÇÃO

Os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) são unidades públicas onde são oferecidos serviços, programas e benefícios com o objetivo de prevenir situações de risco e fortalecer os laços familiares e comunitários. Esses centros fazem parte do Sistema Único

de Assistência Social (SUAS), que é organizado por meio de uma rede de proteção social, seja ela básica ou especial.

O SUAS, implementado em 2005 no Brasil, define e organiza toda a política social, reorganizando a gestão com foco em ações descentralizadas e participativas em todo o país (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2006, citado em Andrade e Romagnoli, 2010, p.606).

Com relação ao SUAS, Costa e Cardoso (2010, p.223) destacam que "esse sistema permitiu que psicólogos fossem convidados a fazer parte das equipes de referência responsáveis pelo atendimento às famílias nos serviços criados pelo Ministério do Desenvolvimento Social".

Segundo o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (2006, citado em Andrade e Romagnoli, 2010, p.606), o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) se enquadra na proteção social básica e atua com foco na prevenção de situações de risco. Seu principal objetivo é desenvolver o potencial, o protagonismo e a autonomia dos indivíduos, e a palavra-chave que define o centro de referência é a prevenção, pois ele atende a população em situação de risco e vulnerabilidade, mas ainda com laços familiares preservados.

O CRAS é estruturado em três tipos de serviços:

5. Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF)
6. Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV)
7. Serviço de Proteção Social Básica no Domicílio para Pessoas com Deficiência e Idosos.

O serviço mais comumente utilizado é o PAIF, que envolve o atendimento à família, compreensão de seu contexto, identificação de vulnerabilidades e desenvolvimento de estratégias para superá-las. O CRAS vai além de seu espaço físico; reuniões podem ser organizadas com a comunidade em outros programas públicos para discutir questões como moradia, abuso de substâncias e violações de direitos. Além disso, assistentes sociais realizam visitas domiciliares às famílias.

As famílias que acessam o CRAS são encaminhadas por outros setores públicos, como educação, saúde, ou pela própria rede de assistência social. Visitas domiciliares também podem ser realizadas, com o objetivo de alcançar indivíduos ou famílias.

Segundo Vasconcelos (2006 apud Menz e Camargo. 2020, p. 434), entender a conexão entre a Psicologia e as políticas públicas envolve levar em conta que estas consistem em políticas de natureza econômica e social que são desenvolvidas e implementadas pelo Estado. Historicamente no Brasil, essas políticas estiveram vinculadas às demandas da economia, a serviço das classes dominantes e caracterizadas pela abordagem patrimonialista

O papel dos psicólogos nesse contexto teve início com o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), que facilitou a inclusão de psicólogos nas equipes de referência encarregadas de atender as famílias nos serviços estabelecidos pelo Ministério do Desenvolvimento Social (Costa; Cardoso. 2010, p.226). O psicólogo desempenha um papel essencial nesse contexto, destacando que a comunicação pode conduzir a soluções práticas e inovadoras para desafios decorrentes da exclusão social.

Costa e Cardoso (2010, p.224) também enfatizam que a prática do psicólogo no CRAS se apoia na Psicologia Social Comunitária e requer a realização de um diagnóstico das necessidades locais, além de uma escuta especializada das famílias como base. Em 2004, foi criada a Política Nacional de Assistência Social (PNAS), com o objetivo de realizar ações voltadas não apenas para a concessão de benefícios, mas também para a prevenção, o desenvolvimento global das famílias e comunidades, e a interrupção do ciclo intergeracional da pobreza.

Inspirado por esses princípios e com o objetivo de compreender melhor a realidade local, este projeto foi concebido com o objetivo geral de investigar a finalidade das atividades desenvolvidas para os jovens que utilizam os CRAS nas cidades de Itapetininga/SP, Capão Bonito/SP e Sarapuí/SP. Os objetivos específicos foram identificar os pontos fortes e fracos dos projetos existentes, entender como o programa social opera, analisar os objetivos das atividades, investigar a natureza das modalidades (artísticas, expressivas, psicoeducativas) desenvolvidas para adolescentes e jovens, identificar a formação acadêmica e profissional dos responsáveis pelos projetos, compreender a população-alvo desses projetos e identificar onde e como os alunos do curso de Psicologia da Faculdade UniFSP podem contribuir para o processo de sistematização de estratégias de intervenção nesses projetos ou se há necessidade de desenvolver novos projetos.

A metodologia utilizada nesta pesquisa envolveu questionários estruturados utilizando o modelo Google Forms para coletar informações relacionadas às Unidades de Atendimento, seu funcionamento, gestão e atendimento à população. Também teve como

objetivo investigar a formação acadêmica e profissional dos responsáveis pelos projetos oferecidos, a fim de compreender e explicar o fenômeno pesquisado. O projeto foi conduzido sob a supervisão do professor orientador para atender às demandas que surgiram.

Mota (2019) destaca características positivas do GoogleForms, como "a possibilidade de acesso de qualquer lugar e a qualquer momento, a rapidez na coleta de dados e análise dos resultados, já que as respostas aparecem imediatamente, e a facilidade de uso, entre outros benefícios". Assim, foram criados dois formulários, e os links de acesso foram direcionados aos profissionais responsáveis pelos CRAS, que são o foco desta pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro questionário teve como objetivo coletar informações quantitativas sobre as Unidades CRAS, incluindo os serviços e atividades oferecidos. No entanto, devido à baixa adesão das unidades que deveriam participar da pesquisa, principalmente por questões burocráticas, este estudo enfrentou desafios significativos ao se tentar obter dados abrangentes.

De uma possibilidade de 6 unidades de CRAS, apenas uma respondeu ao questionário que pontuou como Serviço Prestado pela sua Unidade os serviços de: PAIF - o Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família;nSCFV - Serviço de convivência e fortalecimento de vínculos; e outras ações: inclusão no cadastro único, orientações e encaminhamentos. Informaram ainda que, quanto as atividades o CRAS

oferece, destacam-se: atendimentos psicossociais; encaminhamentos e orientações; promoção ao acesso de documentação pessoal; cadastro único; elaboração de relatórios e prontuário; e atendimento coletivo.

Quanto aos cargos profissionais que se fazem presentes nesta Unidade, destacam-se os de: coordenadora; assistente social; psicóloga; agente de desenvolvimento social; orientador social; estagiário de administração; servente; vigia.

Por fim, em relação à quantidade de assistidos que participam das atividades desta Unidade, foi informado que, em média, há meses com 400 pessoas, embora em outros meses o número de participantes já tenha atingido 900.

No que diz respeito ao segundo questionário, seu propósito era identificar os profissionais que trabalham no CRAS e obter informações sobre sua formação acadêmica e atividades desempenhadas nessas unidades, bem como detalhes relevantes sobre os projetos em que estavam envolvidos. A profissional que preencheu esse questionário é a mesma que respondeu ao primeiro. Ela indicou que sua formação acadêmica é em Serviço Social, com 16 anos de experiência desde a graduação. Ela acredita que sua formação acadêmica a preparou para o trabalho em instituições desse tipo, embora ressalte que "é necessário se adaptar diariamente devido às constantes mudanças na realidade". Além disso, ela relatou que, no momento, não está envolvida em nenhum projeto social e não realiza outras atividades profissionais fora do CRAS. Devido à sua formação não ser na área psicológica, a profissional não respondeu às questões finais do Questionário 2, que se referiam a aspectos específicos desse campo: Quais teorias psicológicas

são usadas para o desenvolvimento das atividades neste Projeto? Qual Abordagem Psicológica é utilizada neste Projeto? Qual o público alvo deste Projeto? Qual o objetivo deste Projeto? Quantas pessoas participam deste Projeto? Quais as dificuldades/desafios que normalmente são encontrados neste projeto? Os resultados até então, foram positivos ou negativos? Justifique.

Diante dos fatos apresentados, a reflexão em que o grupo de autores deste estudo conclui, perpassa o campo da expectativa versus realidade.

Quando o tema para este trabalho foi proposto, o grupo estava empolgado e motivado para pesquisar sobre as redes CRAS. Para eles, era evidente que esses centros são essenciais para atender às necessidades da população mais precária em cada município. Além disso, eles tinham o desejo de conhecer e comparar as redes, entendendo seus pontos fortes e fracos. No entanto, mesmo com a autorização da faculdade e a motivação inicial, o grupo enfrentou dificuldades para acessar as redes e realizar a pesquisa.

A burocracia e a dificuldade em obter acesso aos CRAS deram lugar à preocupação com o sucesso do estudo, o que resultou em um sentimento de frustração. A pergunta que frequentemente surgia durante as reuniões de equipe era por que havia tanta resistência em compartilhar informações sobre as redes que são abertas ao público?

Em uma unidade, a situação chegou a um ponto absurdo, quando começaram a cobrar uma taxa para conceder acesso às informações, o que não fazia sentido. Ainda assim, apesar das adversidades e dos desafios relacionados ao tema do projeto, o trabalho em grupo e as

dificuldades enfrentadas, despertam o sentimento de reconhecimento sobre a importância do estudo.

Há muito a se aprender e compreender sobre essas redes e sua capacidade de atender às necessidades da população mais vulnerável em cada município.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) desempenha um papel fundamental na promoção do bem-estar e na melhoria da qualidade de vida de indivíduos e comunidades em situação de vulnerabilidade social. Ao oferecer serviços e programas de assistência social, o CRAS torna-se uma referência vital para seus usuários, proporcionando suporte e orientação em áreas como saúde, educação, trabalho e fortalecimento de vínculos familiares.

Apesar da importância crucial das unidades CRAS para as comunidades que atendem, é evidente que há dificuldades na obtenção de informações sobre elas. Questões políticas e burocráticas muitas vezes criam barreiras que impedem o acesso fácil e transparente a esses dados, dificultando a compreensão de suas atividades, alcance e impacto.

Para superar esses desafios, é necessário estabelecer um compromisso renovado com a transparência e a prestação de contas no âmbito do serviço público. É preciso promover uma cultura de abertura e disponibilizar informações claras e acessíveis sobre os CRAS, incluindo sua localização, serviços oferecidos, horários de funcionamento e resultados alcançados.

Quanto à Psicologia, assim como outras profissões inseridas nas políticas públicas, foi convocada a participar, trazendo diversas questões sobre seu campo de atuação, suas conexões com as demais profissões e, não menos importante, suas implicações e impacto nos usuários (Andrade; Romagnoli. 2010, p.605). Além disso, é fundamental investir na capacitação dos profissionais que atuam nos CRAS, fornecendo-lhes treinamento adequado em gestão da informação e comunicação. Essa capacitação irá fortalecer sua habilidade de fornecer informações consistentes e atualizadas sobre as atividades do CRAS, tanto para os usuários como para a sociedade em geral.

As tecnologias digitais também podem desempenhar um papel significativo na superação dessas dificuldades. A criação de plataformas online, websites e aplicativos móveis específicos para os CRAS pode facilitar o acesso à informação, permitindo que os usuários encontrem facilmente as unidades mais próximas, conheçam os serviços oferecidos e tenham acesso a recursos e atualizações relevantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Laura Freire. ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. O Psicólogo no CRAS: Uma Cartografia dos Territórios Subjetivos. **PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO**, 2010, 30 (3), 604-619.

BIASUS, Felipe; FRANCESCHI, Maiara. O Psicólogo no Cras: Características e Desafios da Atuação Profissional. **Revista da Psicologia da IMED**. 2015, Rio Grande do Sul.

CASTRO, Márcia da Silva Pereira; SEVERINO, Maria do Perpétuo Socorro Rocha Sousa. Formulário para Apresentação de Projeto de Pesquisa. **PIBIC**. 2010. Elaborado pelo Departamento de Pesquisa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Disponível em: https://www.uern.br/pesquisa/projetos/projetosencerrados/pibic/PIBIC_2010/arquivos/CSA_ativos/CSA%20014.pdf. Acesso em: 15 abr. 2022.

COSTA, Ana Flávia de Sales; CARDOSO, Claudia Lins. Inserção do Psicólogo em Centros de Referência de Assistência Social – CRAS. **Gerais**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 223-229, 2010.

COSTA, Elizama Franciane Da. A Importância do Psicólogo no Cras: Um Estudo De Revisão. **Revista UNINGÁ**. Rio de Janeiro, V. 53, N. 1, P. 100–107, 2017. Disponível em: https://www.mastereditora.com.br/periodico/20170707_204732.pdf. Acesso em: 23 de abr. de 2022.

CRAS.BR. **CRAS Padre José Maria Pinto – Itapetininga – SP**. Disponível em: https://cras.br.com/cras-padre-jose-maria-pinto-itapetininga-sp-endereco-e-atendimento/. Acesso em: 06 maio 2023.

MENZ, Dione Maria; CAMARGO, Denise de. Psicólogos nas Políticas Públicas de Assistência Social: atuação em cras e interface com a formação acadêmica. **Psicologia Argumento**, [S.L.], v. 38, n. 101, p. 431, 4 ago. 2020. Pontificia Universidade Catolica do Parana - PUCPR. http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.38.101.ao02.

MOTA, Janine da Silva. Utilização do Google Forms na Pesquisa Acadêmica. 12. ed. **Plamas**: Unitins, 2019. 6 v.

Prefeitura de Capão Bonito. **Nova sede do CRAS será inaugurada neste domingo**. Disponível em: https://capaobonito.sp.gov.br/nova-sede-do-cras-sera-inaugurada-neste-domingo/. Acesso em: 06 maio 2023.

Prefeitura de Itapetininga. **CRAS Marina Caron é inaugurado**. Disponível em: https://www.itapetininga.sp.gov.br/noticia/453/cras-marina-caron-e-inaugurado-/. Acesso em: 06 maio 2023.

SOE ITAPETININGA. **Emoção marca cerimônia de inauguração do CRAS "Lívia Stefanny Fidelis de Freitas" em Itapetininga**. Disponível em: https://semanario.itapetininga.sp.gov.br/wp-content/uploads/2019/02/soe_136-Ass.pdf. Acesso em: 06 maio 2023.

CAPÍTULO 7

VivArte: A arte do envelhecer

Juliana Cristina Pereira Moretti [1]; Victor José Prestes De Camargo[1]

RESUMO

Em pleno contexto de avanço tecnológico em áreas ligadas à saúde e de recentes mudanças no âmbito social, é de conhecimento comum que a pirâmide etária vem sofrendo uma inversão por meio da maior expectativa de vida e da redução de natalidade, seja por escolhas profissionais ou pessoais. Dito isso, há de se pensar se tal longevidade vem acompanhada pela qualidade de vida, tanto para idosos dentro de instituições de longa permanência como para outros fora das mesmas. Indo além, é válido considerar o que as amostras de tal público-alvo têm a considerar sobre à saúde mental e os cuidados para com a mesma, assim como se autoavaliam acerca da própria qualidade de vida e os atributos que pessoalmente creditam para promoção desse fator. Por meio de tal projeto, foi possível observar uma cisão de opiniões, sendo o idoso visto tanto como uma figura sábia quanto um objeto fora de validade, mas, acima de tudo, ressaltou a importância da prática de atividades após a aposentadoria como resposta ao estigma do aposentado.

Palavras-chave: idoso; qualidade de vida; saúde mental.

ABSTRACT

1 Graduando em Psicologia pela Universidade do Sudoeste Paulista (UniFSP) – Campus Itapetininga.

In the midst of technological advancements in health-related fields and recent changes in the social sphere, it is common knowledge that the age pyramid is undergoing an inversion due to increased life expectancy and reduced birth rates, whether due to professional or personal choices. That being said, one must ponder whether such longevity is accompanied by a good quality of life, both for seniors within long-term care institutions and those living independently. Furthermore, it is valid to consider what samples of this target demographic have to say about mental health and the care they receive, as well as how they self-assess their overall quality of life and the attributes they personally attribute to promoting this factor. Through this project, a divergence of opinions was observed, with the elderly being seen as both wise figures and outdated objects. Above all, it emphasized the importance of engaging in activities post-retirement as a response to the retired individual stigma.

Keywords: elderly; quality of life; mental health.

INTRODUÇÃO

A população idosa está crescendo em todo o mundo e muitos desses indivíduos se encontram em instituições de longa permanência. No entanto, garantir uma boa qualidade de vida para esses idosos institucionalizados é um desafio complexo. Este projeto de extensão tem como objetivo principal comparar, explorar e analisar quais aspectos que impactam a qualidade de vida desses idosos, considerando os aspectos físicos, psicológicos e comportamentais. Ao compreender as necessidades específicas de pessoas institucionalizadas e não institucionalizadas diante de uma esfera biopsicossocial, buscam-se práticas norteadoras para uma melhor qualidade de vida durante o processo de envelhecimento. Mediante ao senso comum, a sociedade compreende o sujeito idoso por, na maioria das vezes, uma

interpretação relacionada â perda de vitalidade, estagnação, perda de autonomia, bem como outras leituras pejorativas que se faz a partir de determinada doença. O chamado estigma é um evento social presente na visão social acerca da velhice, e é caracterizado por 3 componentes: Os estereótipos, que são crenças sobre determinado grupo; preconceitos, concordâncias embasadas em crenças e de reação negativa; e por último, a discriminação, que atua como resposta comportamental em função de um preconceito. Entendimentos gerais da população tem por costume avaliar questões de saúde mental com base em: sintomas psiquiátricos, déficit social, aparência física e rótulos (BIRMAN, 2015; FREITAS; SCHEICHER, 2010; MINAYO et al., 2017; SANTOS, 2020).

Dados epidemiológicos

De acordo com o boletim epidemiológico do Ministério da Saúde publicado em 2017 (apud OLIVEIRA et al., 2021), houve uma crescente na tentativa ou consumação de suicídio entre idosos na faixa etária de 70 anos ou mais. Nos últimos anos foi registrado uma média de 8,9 mortes por 100 mil habitantes, esse número se torna alto, fazendo-se importante descobrir ou investigar a motivação. De acordo com a Secretaria de Saúde de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, entre os principais fatores de risco para essa população, encontra-se algum tipo de transtorno mental (em grande parte dos casos a depressão - muitas vezes não diagnosticada), a perda de referências sociais e pessoas importantes, a solidão e o sentimento de inutilidade, doenças crônicas

e degenerativas que causam a perda da autonomia do sujeito, conflitos familiares e casos de violência, entre outros fatores que contribuem para a realização do ato.

A institucionalização é, de acordo com Freitas e Scheicher (2010), uma das situações estressantes desencadeadoras de depressão, devido às transformações de todos os tipos que os idosos experienciam. O isolamento social resulta em perda de identidade, de liberdade, de autoestima, ocasionando o estado de solidão e, muitas vezes, de recusa da própria vida, o que justifica a alta prevalência de doenças mentais nos asilos.

SAÚDE DO IDOSO E ILPI'S

Segundo os resultados dos estudos promovidos por Minayo et al. (2017), é possível verificar que a saúde e bem-estar do idoso não se restringe à família, mas a forma como a maioria das pessoas da terceira idade são vistas em uma ILPI intensifica a visão estigmatizada, a autoimagem de peso social, que após invalidados pela idade são descartáveis, que não têm mais valor. Há, portanto, que se discutir e investigar os hábitos e rotinas dentro das ILPI's, conversar com cuidadores e profissionais envolvidos no cuidado com as pessoas idosas dentro dessas instituições para que se possa estudar a qualidade de vida principalmente em seu aspecto mental, posto que dados de pesquisa revelam uma tendência ao sofrimento psíquico nessa fase, presente o risco de comportamentos auto lesivos ou que agreguem pouca qualidade de vida.

OBJETIVO GERAL

Pretende-se investigar aspectos sociocomportamentais de pessoas idosas institucionalizadas e não institucionalizadas com a finalidade de levantar dados associados a uma melhor qualidade de vida para essa população em específico.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Verificar a importância dada por determinada amostra desse público-alvo para a temática da saúde mental e suas considerações acerca do tema.

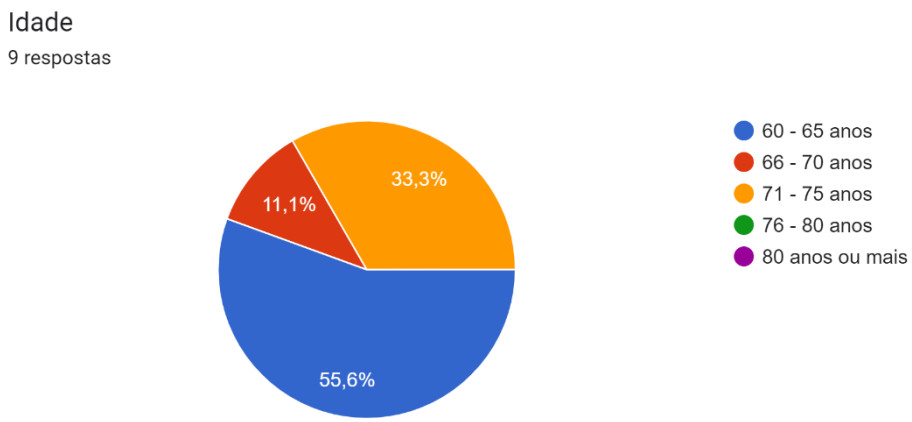
METODOLOGIA

Este projeto Trata-se de uma pesquisa de levantamento de dados quantitativos e qualitativos (também chamada de estudo de campo), que consiste na coleta de informações mediante questionário (com perguntas previamente elaboradas) cuja aplicação será realizada entre os moradores e não moradores de ILPI's que aceitem a proposta de investigação comportamental. Para facilitar, a aplicação das questões foi realizada em forma de entrevista acompanhada de um termo que autorize a gravação de áudio para a transcrição das respostas dadas, além de ser um processo individual e sigiloso, resguardando as identidades dos envolvidos.

RESULTADOS

Em virtude das dificuldades apresentadas, não foi possível realizar a pesquisa em ILPI's na cidade de Itapetininga. Foram realizadas inúmeras tentativas de contato com 3 instituições distintas, sendo que 2 delas não responderam as ligações e e-mails, enquanto a outra respondeu tardiamente, tendo imbróglios entre o Centro Universitário Sudoeste Paulista e a instituição de longa permanência para idosos referente aos termos para a pesquisa. Devido a isso, a coleta de dados se manteve limitada a veiculação virtual do questionário sobre fatores associados a qualidade de vida dos idosos.

IDADE DOS PARTICIPANTES

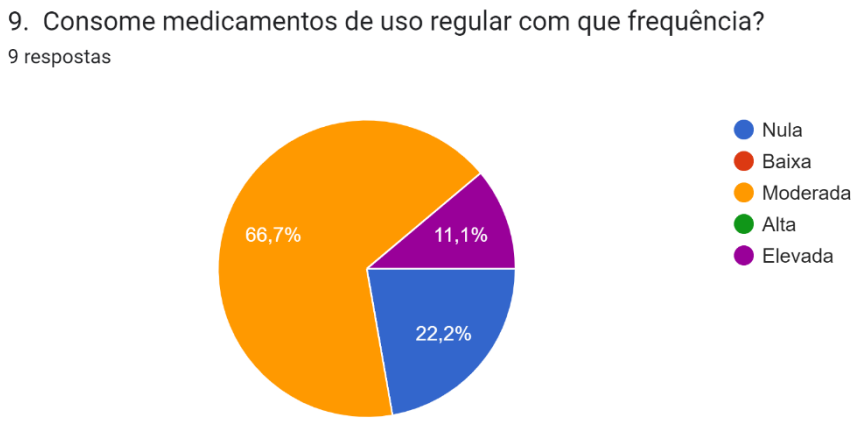


Fonte: Elaboração Própria.

Foram 9 pessoas entrevistadas, 8 do sexo feminino e 1 do sexo masculino. Referente a faixa etária, 5 deles estão entre 60 a 65 anos, 1

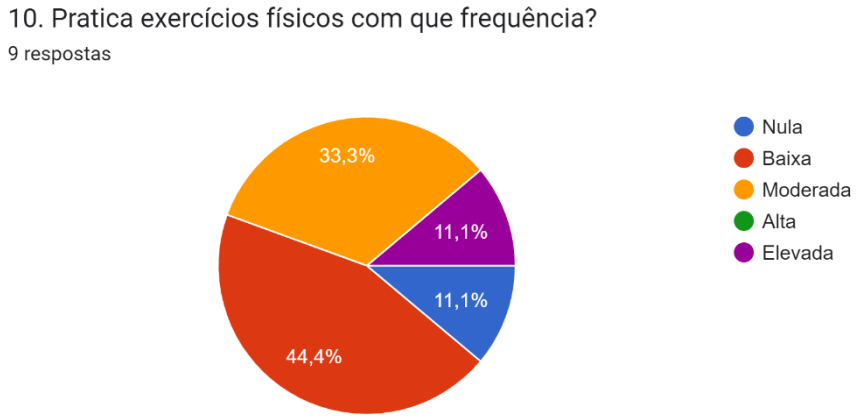
entre 66 a 70 anos e 3 entre 71 a 75 anos. Já sobre os fatores em comum, é perceptível que dentre 6 dos 9 entrevistados, a opinião de outras gerações mais novas da sociedade refletem para eles uma sensação de inutilidade, incapacidade e fragilidade, crendo assim que a população em seu aspecto geral não valoriza o público idoso e o considerando descartável.

Além disso, em consideração ao que é envelhecer bem para cada entrevistado, evidencia-se que 100% deles apontam o tópico da saúde, principalmente, diante do aspecto físico. Alguns ainda complementam e explicam que o bom condicionamento físico favorece a autonomia e combate a estagnação, pontos presentes no paralelo oposto, evidenciado pela maioria que envelhecer mal equivale a dependência de terceiros para a manutenção de seus cuidados.



Fonte: Elaboração Própria.

Quanto ao consumo de medicamentos de uso regular, 66,7% apresentam uso moderado de fármacos, 11,1% com consumo elevado e 22,2% sem consumo regular. O que em outras palavras, leva a uma taxa de uso regular de remédios de 7 a cada 9 entrevistados, algo que retoma a importância dada ao tópico sobre saúde na velhice e dá início ao tópico sobre exercícios nos primeiros e últimos períodos da vida.

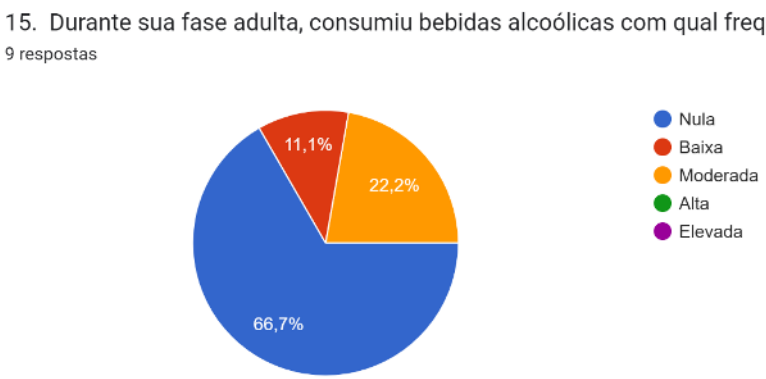


Fonte: Elaboração Própria.

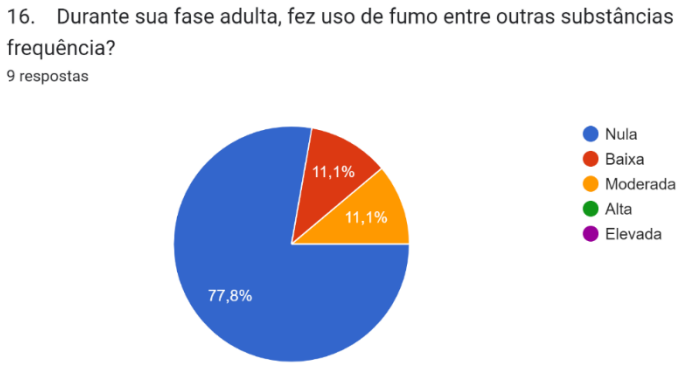
Diante dos cuidados com o corpo, 5 apresentaram falta ou rara prática de exercícios físicos, destoando dos 3 indivíduos que apresentaram taxa moderada e 1 com níveis elevados de práticas físicas. Curiosamente, apenas 1 deles praticava atividades do gênero quando jovem, sugerindo uma busca por qualidade de vida nos últimos períodos do desenvolvimento humano.

Já sobre as práticas de lazer, 5 entre 9 pessoas afirmaram realizar passeios com frequência, seja por meio de caminhadas ou viagens em

família. O que ressalta outros pontos importantes na qualidade de vida: os exercícios físicos e o núcleo familiar. Outro dado que pode gerar paralelos, diz respeito a preferência de optar pelo trabalho quando jovem em detrimento dos estudos, algo que reflete as diferenças entre gerações, além de apontar motivos para os números de analfabetos funcionais ou não dentre idosos no Brasil e a correlação que pode existir entre trabalho e o estigma de inutilidade após a aposentadoria. Visto que o trabalho configura uma função e a aposentadoria a retirada dela.



Fonte: Elaboração Própria.



Fonte: Elaboração Própria.

Referente ao consumo de bebidas, cigarros e outras substâncias, 66,7% afirmaram nunca ter feito uso de álcool e 77,8% afirmaram o mesmo sobre o fumo e uso de substâncias.

Já ao que diz respeito à saúde mental, apenas 2 indivíduos de 9 afirmaram terem passado por acompanhamento psicológico. Contudo, todos os entrevistados manifestaram opiniões positivas quanto ao trabalho dos psicólogos, enaltecendo principalmente a redução do sofrimento psíquico. Por fim, quanto à autoavaliação, 5 se avaliaram como tendo um bom envelhecimento, 2 apontaram prejuízos, 1 considerou razoável e outro se absteve de comentários. Sendo que em escala de 0 a 10, houve baixa diferença de scores entre pessoas de zona rural (média de 8,3) e de centros urbanos (média de 8,4), apontando um relativo benefício para moradores de localidades mais urbanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos desafios para garantir uma qualidade de vida adequada aos idosos institucionalizados, este projeto buscou analisar os aspectos físicos, psicológicos e comportamentais que impactam essa população. O estigma social relacionado à velhice, evidenciado por estereótipos, preconceitos e discriminação, contribui para a prevalência de doenças mentais em instituições popularmente conhecidas como "asilo". Dados epidemiológicos revelam um aumento nas taxas de suicídio entre idosos, sendo a depressão e a perda de referências sociais fatores significativos.

A saúde do idoso em Instituições de Longa Permanência (ILPIs) é influenciada pela visão estigmatizada da sociedade, o que ressalta a importância de investigar hábitos e rotinas nesses ambientes. O objetivo geral da pesquisa foi explorar aspectos sócio comportamentais de idosos institucionalizados e não institucionalizados para promover uma melhor qualidade de vida. Os resultados, embora limitados pela dificuldade na coleta presencial, destacaram preocupações como a sensação de inutilidade percebida por parte dos entrevistados.

A metodologia envolveu um levantamento de dados quantitativos e qualitativos, através de questionários virtuais. Os resultados indicam uma associação entre a percepção de inutilidade e a visão da sociedade sobre o envelhecimento. A importância dada à saúde, principalmente ao aspecto físico, foi evidente, correlacionando-se com o uso regular de medicamentos. A prática de exercícios físicos e o convívio familiar foram apontados como elementos essenciais para uma boa qualidade de vida.

Apesar das limitações na coleta de dados, as respostas dos entrevistados sugerem uma preocupação com a saúde mental, embora apenas alguns tenham buscado acompanhamento psicológico. A auto avaliação revelou percepções variadas sobre o envelhecimento, com uma média semelhante entre residentes de áreas urbanas e rurais. Esses resultados ressaltam a importância de abordagens integradas para promover o bem-estar dos idosos, considerando tanto os aspectos físicos quanto os psicossociais.

É importante ressaltar que a coleta de dados foi prejudicada pela não colaboração das Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) na cidade de Itapetininga-SP. O desencontro entre o Centro Universitário Sudoeste Paulista e a instituição de longa permanência resultou em impasses, impossibilitando a realização da pesquisa de campo. Essa falta de cooperação limitou a obtenção de informações diretamente dos moradores das ILPIs, restringindo a pesquisa à veiculação virtual do questionário. Esse obstáculo ressalta a importância da cooperação eficaz entre instituições acadêmicas e locais de pesquisa para o avanço do conhecimento e a realização de estudos significativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, Joel. Terceira idade, subjetivação e biopolítica. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 22, n. 4, p. 1267-1282. 2015. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59702015000400007.

FREITAS, M. A. V. de; SCHEICHER, M. E.. Qualidade de vida de idosos institucionalizados. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, v. 13, n. 3, p. 395-401. 2010. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/s1809-98232010000300006.

MINAYO, M. C. de S.; FIGUEIREDO, A. E. B.; MANGAS, R. M. do N.. O comportamento suicida de idosos institucionalizados: histórias de vida. Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 27, n. 4, p. 981-1002, 2017. FapUNIFESP (SciELO). https://doi.org/10.1590/S0103-73312017000400007.

OLIVEIRA, L. B. de; RODRIGUES, I. V. de O.; BOÁGUA, J. S. de S.; GOMES, E. P.. Suicídio na terceira idade: fatores de risco e proteção. Brazilian Journal of Health Review Curitiba, v.4, n.2, p.8337-8349. 2021.

CAPÍTULO 8

BULLYING: UM OLHAR MUITO ALÉM DO FENÔMENO

Naomy Khadija Almeida Gomes[1]; Amanda Padilha Matsuda[1];

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar os resultados do projeto de extensão do curso de Psicologia da Universidade do Sudoeste Paulista (UniFSP) com base nos desenhos obtidos com os alunos. As atividades realizadas consistiram em rodas de conversa, dinâmicas em grupo, com temas relacionados ao *bullying* e inclusão. Nosso intuito durante os encontros foi de trabalhar as temáticas dando às crianças o poder de fala e a nossa escuta de qualidade, onde a roda de conversa possuía um momento de concentração e atenção ao outro. Transmitimos um sentimento de segurança e conforto para os jovens, fazendo com que cada um deles se sentisse confiante para falar e nos ajudar a desenvolver todos os encontros de forma dinâmica.

Palavras-Chave: agressividade; *bullying*; violência; crianças.

BULLYING: A LOOK FAR BEYOND THE PHENOMENON

ABSTRACT

1 Graduando em Psicologia pela Universidade do Sudoeste Paulista (UniFSP) – Campus Itapetininga.

This article aims to present the results of the extension project of the Psychology course at the University of Southwest Paulista (UniFSP) based on the drawings obtained with the students. The activities carried out consisted of conversation circles, group dynamics, with themes related to bullying and inclusion. Our intention during the meetings was to work on the themes, giving the children the power of speech and our quality listening, where the conversation wheel had a moment of concentration and attention to the other. We transmit a feeling of security and comfort to the young people, making each one of them feel confident to speak and help us to develop all the meetings in a dynamic way.

Keywords: aggressiveness; bullying; violence; children.

BULLYING: UNA MIRADA MUCHO MÁS ALLÁ DEL FENÓMENO

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar los resultados del proyecto de extensión del curso de Psicología de la Universidad del Suroeste Paulista (UniFSP) a partir de los dibujos obtenidos con los alumnos. Las actividades realizadas consistieron en círculos de conversación, dinámicas de grupo, con temas relacionados con el bullying y la inclusión. Nuestra intención durante los encuentros fue trabajar los temas, entregando a los niños el poder del habla y nuestra calidad de escucha, donde la rueda de la conversación tuvo un momento de concentración y atención al otro. Transmitimos una sensación de seguridad y comodidad a los jóvenes, haciendo que cada uno de ellos se sienta en confianza para hablar y nos ayuda a desarrollar todos los encuentros de forma dinámica.

Palabras-Clave: agresividad; acoso; violencia; niños.

INTRODUÇÃO

A violência, nos diferentes níveis de escolaridade, tem aumentado nas últimas décadas e é evidenciada em comportamentos agressivos advindos dos estudantes, como agressões físicas (por exemplo bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar e constranger). Essa violência no ambiente escolar leva o nome de *Bullying*. "A palavra *bullying* possui origem inglesa, sendo uma variação do termo *bully* que significa "valentão" e é utilizada para dar nome "ao desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão" (Fante; Pedra, 2008, p. 41).

A palavra *bullying* vem do inglês *bully*, que tem como significado um indivíduo "valentão", "tirano", mas o verbo *to bully* significa brutalizar, maltratar, abuso, tiranizar, afetando pela força ou pela coerção pela linguagem ou comportamento com propósito de intimidar (Oliveira, 2016).

Existe especulações acerca do surgimento do termo, que provavelmente surgiu na Grã-Bretanha por volta do ano de 1710, e era usado para designar um tipo de crueldade na relação criança e adolescente (Oliveira, 2016).

Os termos designados para essa prática são diferentes ao redor do mundo, na França é *harcèlement quotidien*; na Itália, *prepotenza* ou *bullismo*; no Japão, *ijime*; na Alemanha, *agressionen unter schülern*; na

Noruega, *mobbing*; e em Portugal, *maus-tratos entre os pares* (Oliveira, 2016)

De acordo com Oliveira (2016, p. 171), "comportamentos agressivos pontuais, sem caráter repetitivo, brincadeiras e apelidos que não são utilizados sempre contra a mesma pessoa não são bullying". Ainda segundo o autor:

> A definição de violência adormecida (bullying) compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotada por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia e sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. [...] As atitudes agressivas podem ser expressas como violência verbal, física, psicológica e sexual. (Oliveira, 2016, p. 172)

Bullying, é a violência física (chutar, bater, tomar pertences) e verbal (insultar, apelidar de maneira indesejável e discriminatória) cometida repetidas vezes, por um período de tempo. O *bullying* "[…] acarreta sofrimento psíquico, diminuição da autoestima, isolamento, prejuízos no aprendizado e no desempenho acadêmico" (Moura; Cruz; Quevedo, 2011, p. 27). E seus efeitos são prejudiciais, tanto para a vítima, quanto para o agressor. Portanto, um olhar deve ser voltado para as famílias dos estudantes, uma vez que ela tem impacto significativo tanto no desenvolvimento biológico quanto social do sujeito.

> A definição de violência adormecida (bullying) compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotada por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia e sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. (Oliveira, 2016, p. 172)

Em geral, o *bullying* é um produto do preconceito. Martínez (2006) define o preconceito como uma opinião que os sujeitos formam das pessoas antes mesmo de efetivamente conhecê-las. Trata-se de "[…] um julgamento apressado, superficial e muito perigoso, pois ao invés de melhorar a vida da sociedade, traz muitas situações complicadas e até mesmo violentas" (Martínez, 2006, p. 27). Outros fatores também podem ser considerados como: o uso de drogas e outros vícios; a má influência dos meios de comunicação; o fato de o estudante ter sido alvo de violência (tanto familiar quanto entre os colegas), assim como a fragilidade emocional deste, pode ser a causa que o leve a praticar o *bullying*. Oliveira (2016, p. 172) ainda destaca que "as atitudes agressivas podem ser expressas como violência verbal, física, psicológica e sexual".

Fante (2005), explica os personagens do fenômeno *bullying*, classificando eles em: Vítima típica: aquela que serve de bode expiatório para um grupo; vítima provocadora: aquela que provoca e atrai reações agressivas contra as quais não conseguem lidar com eficiência; vítima agressora: aquela que reproduz os maus-tratos sofridos; agressor: aquele que vitimiza os mais fracos, manifesta pouca empatia, impulsivo, irrita-se facilmente e tem baixa resistência às frustrações, não aceita ser contrariado; espectador: é o aluno que presencia o *bullying*, porém não o sofre nem o pratica, representa a grande maioria dos alunos que convive com o silêncio e adota a lei do silêncio por temer se transformar em novo alvo para o agressor (Fante, 2005).

> Na maioria das vezes, os agredidos sofrem calados por vergonha de se exporem ou por medo de represálias de seus agressores, tornando-se reféns de emoções traumáticas destrutivas, como medo, insegurança, raiva, pensamentos de vingança e de suicídio, além de fobias sociais e outras reações que impedem seu bom desenvolvimento escolar. (Oliveira, 2016, p. 172)

Além disso, é dito por Oliveira (2016) que o praticante de *bullying* normalmente é popular e possui poder de liderança que normalmente adquire através da violência física e/ou psicológica, o mesmo pode desenvolver comportamentos antissociais e se mostrar agressivo com adultos.

Dentre as características do violador estão, impulsividade, vê a agressividade como qualidade e possui opiniões positivas sobre si, é mais forte que a vítima, sente satisfação ao causar sofrimento aos outros, não seguem normas, não aceitam contradições ou frustrações, e podem estar envolvidos em alguns delitos (Oliveira, 2016).

Silva (2010) afirma que identificar as vítimas, agressores e espectadores é muito importante para que as escolas e as famílias dos envolvidos possam elaborar estratégias e traçar ações efetivas contra o *bullying*, mas, a identificação da vítima fica de difícil, pois muitas vítimas tendem a não relatar os abusos por vergonha ou medo da violência intensificar.

> Os agredidos são pessoas expostas, de forma repetida e durante algum tempo, às ações negativas realizadas por um ou mais alunos. [...] Geralmente, os agredidos são pouco sociáveis, tímidos ou reservados. Um forte sentimento de insegurança os impede de solicitar ajuda e, muitas vezes, não encontram referências que lhes garantam apoio e segurança para se defender e combater

> as atitudes discriminatórias e excludentes. (Oliveira, 2016, p. 178)

O artigo apresentado se trata de um relatório de projeto de extensão do curso de Psicologia da Universidade do Sudoeste Paulista (UniFSP) realizado na instituição de ensino EMEF Professora Benedita Vieira de Almeida Madalena onde estudam crianças do ensino fundamental I.

Utilizando a roda de conversa e dinâmicas como forma de abordagem, foi possível obter resultados satisfatórios para mim como estudante e também para os alunos que elogiaram o projeto.

Por isso, a importância de uma intervenção ser realizada nas escolas, com o objetivo de promover um espaço de conscientização do que é o fenômeno *bullying*, seus efeitos, e que atitudes a vítima pode tomar, para não continuar refém desse tipo de violência

O objetivo deste artigo é de relatar as atividades realizadas durante o período prático do projeto, limitações e dificuldades, aprendizados e conhecimentos adquiridos. E assim, obter uma análise completa do mesmo.

MATERIAIS E MÉTODOS UTILIZADOS

Inicialmente, o intuito era trabalhar o tema com apenas 10 (dez) alunos, mas ao chegar em uma reunião com a diretora da escola, foi relatado que a demanda seria para uma sala inteira, 26 (vinte e seis) alunos. Assim, foi definido que o projeto seria feito com os alunos mencionados pela diretora.

O objetivo geral da pesquisa era de realizar atividades de caráter psicoeducativo referente à temática do *bullying* para os alunos do 4º ano da instituição de ensino EMEF Professora Benedita Vieira de Almeida Madalena.

Durante a parte prática, foram utilizados materiais que são facilmente encontrados em escolas, como, papel, caneta, lápis de colorir, canetas hidrográficas, giz de cera, computadores e projetor. Assim, foi possível utilizar materiais acessíveis para que as atividades lúdicas fossem trabalhadas com as crianças.

O bastão da fala foi introduzido ao longo do segundo encontro, visto que, os alunos tinham certa dificuldade em escutar os colegas que estavam no seu momento de fala, pois, algumas crianças falavam alto e brincavam no meio das rodas de conversa.

Os encontros aconteceram semanalmente e tinham duração de uma hora, e neles também foram utilizadas dinâmicas, vídeos, desenhos e artesanato. No total foram realizados 6 (seis) encontros. Para que haja um fácil entendimento dos resultados da pesquisa, os alunos serão denominados na respectiva ordem do alfabeto.

RESULTADOS

Durante o primeiro encontro foi relatado pelos alunos que na sala existe muita agressividade, furtos - de canetas e lápis - e fofocas. A partir disso, foi utilizado esse gancho para perguntar o porquê dos mesmos falarem coisas ruins dos colegas ao invés de coisas boas, o que

lhes causou uma reflexão e logo todos eles estavam distribuindo elogios.

Foi notada a facilidade que os alunos tinham em se expressar através dos desenhos, sendo assim, essa foi a atividade proposta na maioria dos encontros. Através de seus rabiscos, chamou à atenção a forma que a violência era retratada, sendo sempre traços fortes, escuros e até mesmo na cor vermelha.

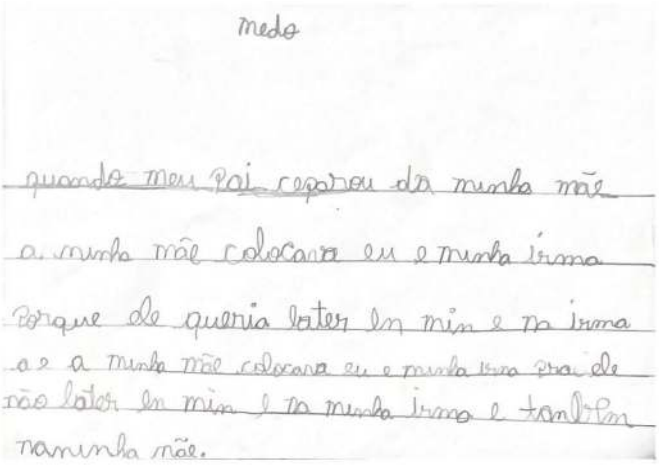
Em um dos seus textos, o aluno A retratou que se sentia com medo quando o pai agredia fisicamente sua mãe e irmã. Já o aluno B, mostra em seu desenho um *ringue* de luta com muitas armas e caveiras desenhadas. O garoto C desenha um palhaço com formas agressivas. O aluno D descreve no desenho que se sente triste todos os dias. A criança E conta através do seu desenho que normalmente é isolada dos "grupinhos" da sala de aula. O aluno F, mostra uma imagem de um homem com características agressivas. A menina G, desenha uma cachoeira para representar o que seria o melhor da mesma.

De acordo com Albuquerque, Williams e D'Affonseca (2013), dentre os aspectos que que podem influenciar a ocorrência do *bullying* está a relação familiar, a criança autora da prática pode imitar comportamentos agressivos que são vistos em casa devido a exposição de conflitos e até mesmo punições físicas perante a ele ou outro familiar.

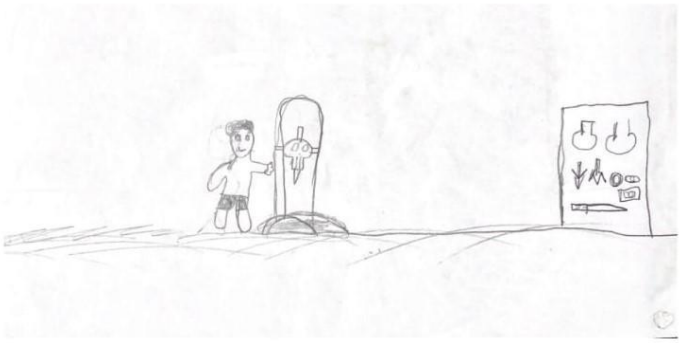
> "[...] pode-se afirmar que um ambiente familiar hostil e desequilibrado, pode afetar seriamente não só a aprendizagem como também o desenvolvimento físico, mental e emocional de seus membros; pois, o aspecto cognitivo e o aspecto afetivo estão interligados, assim,

> um problema emocional decorrente de uma situação familiar desestruturada reflete diretamente na aprendizagem." (Rosas; Cionek, 2006, p. 11)

Na imagem está um texto escrito pelo aluno A, que ao se referir ao tema medo, escolheu representar sua vivência com a violência doméstica. Contando que quando seu pai se separou de sua mãe, se iniciou um comportamento agressivo, sendo necessário que a mãe o escondesse juntamente de sua irmã, para que escapassem das agressões do genitor.



O menino B apresentou-se sem camisa, apenas com um short, em um *ringue* de luta, e com uma arma em mãos. Em sua frente, está um saco de boxe e na lateral do desenho, uma parede com diversas armas penduradas.



O aluno C, representou uma máscara de palhaço com tons fortes de azul, preto e rosa. Com dentes pontiagudos e olhos sem conteúdo interno. Os traços fortes e repetitivos do desenho chamaram muito a atenção. Ele chamou a ilustração de *"Palhaço- It a coisa"*.



Uma das atividades propostas era a realização de um desenho a partir da escolha de alguma emoção trabalhada em aula, entre elas:

Alegria, raiva, medo, tristeza e nojo. O aluno D escolheu a emoção tristeza, e realizou um desenho que mostrava o seu dia a dia de segunda a sexta, porém em todos os dias, ele se apresentava ilustrado deitado em uma cama chorando e aparentando estar deprimido. Ao ser confrontado sobre o desenho, a criança disse se sentir triste na maioria dos dias, e ter dificuldade de ir para a escola, preferindo estar em sua cama na maioria dos dias.



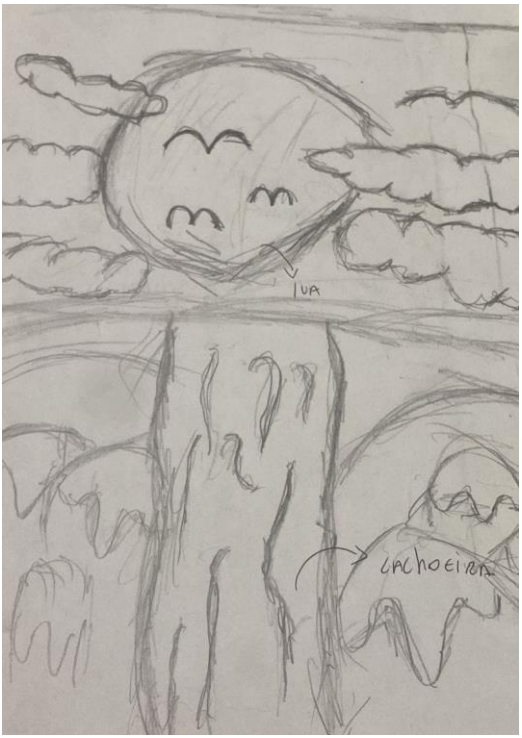
A criança do sexo feminino E, apresentou uma ilustração com o título: *"O melhor de mim"* que se caracterizava por um desenho aparentemente colorido, ilustrando duas garotas conversando em uma lateral da folha, ambas com cores alegres e aparentemente felizes, enquanto na outra extremidade a jovem se representava toda de preto, com feições tristes, isolada no canto, abordando conteúdo de solidão, insegurança e rejeição diante de outros colegas.



Ao escolher a emoção raiva, o garoto F se desenhou com roupas pretas, feição de raiva e boca com um tom forte de vermelho, braços abertos, apresentava garras pontiagudas em suas mãos, e novamente o tom forte de vermelho que aparenta ser sangue. Ao lado, aparece outro jovem, porém em posição lateral, apresentando arranhões em sua perna, barriga e rosto.



Ao ser trabalhado o tema *"O melhor de mim"*, a menina G realizou o desenho de uma cachoeira, em volta de montanhas, com uma lua no centro, algumas nuvens ao redor, e possíveis passarinhos que voam ao centro da lua. A garota pareceu bastante eufórica antes da realização do desenho, com traços de personalidade extrovertida, ela demonstra uma possível necessidade de se expressar. Ao escolher a representação da cachoeira, pode demonstrar simbolicamente a necessidade de expressão, e como ninguém controla a força das águas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o período de projeto foi possível perceber que os alunos se sentiram acolhidos e respeitados no espaço de fala que foi proposto e construído. Ao ouvir os relatos dos mesmos sobre os temas pessoais, foi notado que ao expressar aquilo que os incomodava eles acabaram por se sentir mais aliviados e menos ansiosos, fazendo com que os encontros fossem bem proveitosos.

A Psicologia por si só, já demonstra ser desafiadora aos olhos de quem não compreende, principalmente quando se trata de temas mais complexos e, como estudante dessa área, somente através do projeto foi possível ter essa visão prática em que muita das vezes a teoria não

consegue abranger.

É notório que os problemas com agressividade vêm diretamente da casa, não somente pelas imagens vistas, mas também pelos relatos das crianças. O impacto que uma educação baseada em agressões verbais e físicas é muito grande, e não apenas para a criança que as vivencia, mas também para as outras que estão ao redor.

Visto isso, é importante olhar para o praticante do *bullying* como uma pessoa completa e não somente como um fragmento ou situação que ocorre, e tentar entender o que leva o mesmo a cometer tais atos contra seus colegas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, P. P.; WILLIAMS, L. C. D. A.; D'AFFONSECA, S. M. **Efeitos Tardios do Bullying e Transtorno de Estresse Pós-Traumático: Uma Revisão Crítica.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 29, n. 1, p. 91-98, 2013.

FANTE, C.; PEDRA, J. A. **Bullying Escolar: perguntas e respostas.** Porto Alegre: Artmed, p. 132, 2008.

GIULIATO, M. V. **Bullying nas escolas e suas consequências.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 11, Vol. 08, p. 84-102. Disponível em: >https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/bullying-nas-escolas<. Acesso em: 14 de maio de 2022.

GUIDA, R. M. R.; SILVA, T. B. B. **Como o bullying é enfrentado em uma escola pública do Ensino Fundamental na cidade do Recife: um estudo de caso.** Revista Universidade Federal de Pernambuco, p. 1-20.

MARTINEZ, J. M. A. **Bullying: Guia Para Educadores.** Campinas: Editora Mercado de Letras, p. 256, 2013.

MOURA, D. R.; CRUZ, A. C. N.; QUEVEDO, L. A. (2011). **Prevalência e características de escolares vítimas de bullying**. Jornal de Pediatria. Disponível em: >https://doi.org/10.2223/JPED.2042<. Acesso em: 14 de maio de 2022.

OLIVEIRA, S. C. A. O que é o bullying?. In: ANGERAMI, V. A.; MORENO, A. B.; AZEVEDO, D. C.; et. **O Atendimento Infantil na Ótica Fenomenológico-Existencial: 2ª edição revista e ampliada.** São Paulo: Cengage Learning Brasil, p. 167-191, 2016.

ROSAS, F. K.; CIONEK. M. I. G. D. **O impacto da violência doméstica contra crianças e adolescentes na vida e na aprendizagem.** Conhecimento Interativo: São José dos Pinhais, v. 2, n. 1, p. 10-15, 2006.

SILVA, A. B. B. **Bullying: mentes perigosas na escola.** São Paulo:

Fontanar, p. 192, 2010.

SOBRE O ORGANIZADOR

GABRIEL ARRUDA BURANI

Psicólogo (UNIMEP, 2009). Doutorando em Psicologia pela Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales UCES (Buenos Aires, Argentina). Mestre em Tecnologias Emergentes da Educação pela MUST University (Flórida, EUA,2022) e Mestre em Psicologia Infantil e Adolescente (ESNECA, Espanha, 2021). Especialista em Avaliação Psicológica (CRP-SP-2020) e em Psicologia do Trânsito (UNIP/FACIMA - 2014). Docente de graduação e docente lato sensu e stricto sensu. Pesquisador autor de publicações em Tecnologias Emergentes para Educação, Avaliação Psicológica, Desenvolvimento Humano, Educação, Personalidade e Testes Projetivos.

E-mail: prof.gaburani@gmail.com

O livro "PSICOLOGIA EM EXTENSÃO: Práticas exitosas da Curricularização da Extensão em Graduação de Psicologia" traz uma coletânea de capítulos escritos por graduandos e de Psicologia apresentando experiências realizadas durante os Projetos de Extensão Universitária – ou Curricularização da Extensão – ao cumprir as diretrizes e metas da Resolução 07/2018 do Ministério da Educação. Ao implementar a extensão como componente curricular da graduação do ensino superior, os alunos são impelidos a vivenciar como protagonistas a experiência teórico-prática junto a comunidade, em atividades que divergem dos estágios curriculares obrigatórios e outras atividades tradicionalmente acadêmicas. A experiência da elaboração e execução de projetos por graduandos em Psicologia, sob orientação docente, e os resultados encontrados destas atividades foram transformados em artigos que compõe este livro. Os capítulos abordarão uma variedade de projetos envolvendo Psicologia: Social, Institucional e Educacional.

ISBN: 978-65-981790-6-9
9 786598 179069
EDITORA MANUAL